

ANA PAULA GARCIA E WANDER GARCIA
COORDENADORES

CONCURSOS FCC

6.700 QUESTÕES
COMENTADAS

ON-LINE

ERRATA

**DISCIPLINA: 28. LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO
ON-LINE**

AUTORES: Eloy Gustavo de Souza, Fernanda Franco, Henrique Subi,
Magally Dato e Rodrigo Ferreira de Lima

**AS QUESTÕES DESTACADAS REFEREM-SE
ÀQUELAS SEM GRIFO NESTA EDIÇÃO.**

7^a
Edição
2018

COMO PASSAR



28. LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO

Eloy Gustavo de Souza, Fernanda Franco, Henrique Subi, Magally Dato e Rodrigo Ferreira de Lima*

1. SEMÂNTICA / ORTOGRAFIA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA

(Auditor Fiscal/PB – 2006 – FCC) **Se bem feito**, propicia bom material aos julgadores.

No texto, o conectivo se pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- (A) quando.
- (B) mesmo.
- (C) caso.
- (D) embora.
- (E) mas.

A conjunção *se* em “**Se bem feito**” (último parágrafo) pode ser substituída por *caso* (“Caso bem feito”).

„C. q1barrio

(Auditor Fiscal/PB – 2006 – FCC) Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de texto e documentos aos mais de cem acusados.

O período acima está corretamente reescrito, mantendo o sentido original, em:

- (A) A CPI que, a princípio, investigava apenas os Correios, ampliou seu raio de ação, conseguiu um número expressivo de documentos porque produziu um relatório de milhares de páginas e pode incriminar mais de cem pessoas.
- (B) A CPI que, a princípio, investigou apenas os Correios, mas ampliou seu raio de ação, conseguiu um número expressivo de documentos que produziu um relatório de milhares de páginas portanto, pode incriminar mais de cem pessoas.
- (C) A CPI que, em princípio, investigaria apenas os Correios, delimitou seu raio de ação, conseguiu um número expressivo de documentos, produziu um relatório de milhares de páginas podendo incriminar mais de cem pessoas.
- (D) A CPI que, a princípio, investigaria apenas os Correios, ampliou seu raio de ação, conseguiu um número expressivo de documentos, produziu um relatório de milhares de páginas e pode incriminar mais de cem pessoas.

- (E) A CPI que, em princípio, investigaria apenas os Correios, decolou: para poder incriminar mais de cem pessoas, delimitou seu raio de ação e conseguiu um número expressivo de documentos.

Para responder a questão é importante lembrar a diferença entre as expressões *a princípio* e *em princípio*. *A princípio* significa “antes de mais nada”, “inicialmente”; *em princípio* significa “em tese”. Além disso, deve-se ler com atenção a redação original para que se percebam as relações entre os termos. Por exemplo, a alternativa **A**: “A CPI (...) conseguiu (...) documentos porque produziu um relatório.”. Essa relação de causa não está expressa na redação original; **B**: a redação opõe o “ampliar o raio de ação” à “investigação do Correios”. Essa relação adversativa não está expressa na redação original; **C**: além do uso inadequado de *em princípio*, pela análise do texto original, a CPI não “delimitou”. **D**: está correta; **E**: além do uso inadequado de *em princípio*, pela análise do texto original, a CPI não “delimitou seu raio de ação”.

„C. q1barrio

(Auditor Fiscal/PB – 2006 – FCC) Nas frases

- I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
 - II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
 - III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
- o emprego dos termos mal e mau está correto APENAS em
- (A) I.
 - (B) I e II.
 - (C) II.
 - (D) III.
 - (E) I e III.

A palavra *mau* é adjetivo. Modifica um nome e pode ser flexionada. Seu antônimo é *bom*. *Mal* é advérbio que não pode ser flexionado. Modifica um nome, um verbo ou um advérbio. Seu antônimo é *bem*. *Mal* e *mau* podem, também, ser substantivos. I: correta – “O mau [*substantivo*] julgamento político (...) o mal [*advérbio*] está na mídia (...)”; II: incorreta – “Não há nenhum mal (...)”. Os recursos (...) não são um mau [*substantivo*] (...)”; III: incorreta – “É mal [*advérbio*] apenas lamentar (...) eles estarão em maus [*adjetivo*] lençóis.”

„A. A

* Eloy Gustavo de Souza comentou as questões de Redação; Henrique Subi comentou as questões dos seguintes concursos: Analista TRT/2012, BB – Escriturário, CEF – Técnico Bancário e Agente de Polícia; Magally Dato comentou as questões dos seguintes concursos: Auditor fiscal, Auditor Tributário, Agente Fiscal, Fiscal de Tributos, Tribunais Técnico e Tribunais Analista; Fernanda Franco e Rodrigo Ferreira Lima comentaram as questões dos seguintes concursos: Analista ANS, Analista Bacen, Técnico Bacen e Técnico Legislativo; Fernanda Franco e Eloy Gustavo de Souza comentaram as questões do concurso para Oficial de Chancelaria.

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) Outra compensação encontrava eu em desfrutar, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que emana de um fiscal de rendas. Todas as palavras da frase acima poderão permanecer rigorosamente as mesmas caso as formas verbais sublinhadas sejam substituídas por, respectivamente,

- (A) incorporar e projeta.
- (B) usufruir e provém.
- (C) beneficiar e instila.

- (D) comprazer-me e esparge.
 (E) deleitar-me e se associa.

A palavra *desfrutar* tem a acepção de gozar, lograr e usufruir. A palavra *emanar* significa vir de, ter origem em, provir. A alternativa B apresenta as duas formas verbais que podem ser substituídas sem que haja alterações na frase.

„B. 01104010

(Fiscal de Tributos/Santos-SP – 2005 – FCC) (...) que carregamos sem saber por que, apenas porque nos deram para carregar. As formas sublinhadas preencherão corretamente, na mesma ordem, as lacunas da frase:

- (A) Queria saber o de os filhos se esquecerem dos pais; será é uma lei da natureza?
 (B) Não se sabe razão se esquecem os filhos dos pais, qual o de os deixarem de lado.
 (C) A mãe é mais importante ela é absolutamente necessária nos primeiros anos do filho, não há o pai ficar enciumado.
 (D) o cronista não explica seu ceticismo? o leitor fica se perguntando, sem atinar com o de tamanha melancolia.
 (E) Embora o cronista não diga se tornou tão melancólico, o leitor deixa-se abater um pouco, suspeita quais sejam as razões.

No uso do *por que* (*separado, sem acento: preposição por mais pronome que*) está subentendida a ideia de razão, causa (“por qual razão”). Em algumas situações, pode ser substituído por *pelo qual*. O *porque* (junto, sem acento) está sempre ligando orações, indicando explicação, causa ou finalidade. Já o *porquê* junto e acentuado é um substantivo que pode vir precedido por artigo (ou pronome) e tem a acepção de “o motivo pelo qual”. **A:** “Queria saber o porquê de os filhos se esquecerem dos pais; será porque é uma lei da natureza?”; **B:** “Não se sabe por que razão se esquecem os filhos dos pais, qual o porquê de os deixarem de lado.”; **C:** “A mãe é mais importante porque ela é absolutamente necessária nos primeiros anos do filho, não há porque o pai ficar enciumado.”; **D:** “Por que o cronista não explica seu ceticismo? o leitor fica se perguntando, sem atinar com o porquê de tamanha melancolia.”; **E:** “Embora o cronista não diga por que se tornou tão melancólico, o leitor deixa-se abater um pouco, porque suspeita quais sejam as razões.”

„E. 01104010

(Fiscal de Tributos/Santos-SP – 2005 – FCC) Entre as frases /A mãe é necessária/ e /sua agonia é mais lenta e bela/ pode-se colocar, para explicitar a relação de sentido que elas mantêm entre si, a expressão

- (A) nem assim.
 (B) e por isso.
 (C) desde que.
 (D) mesmo porque.
 (E) ainda quando.

“A mãe é necessária e por isso sua agonia é mais lenta e bela.” A agonia da mãe é mais lenta e bela, pela necessidade que a mãe representa. As outras conjunções não têm essa ideia explicativa.

„B. 01104010

(Analista – TRT/3ª – 2005 – FCC) A geração de 68 lutou para derrubar o sistema; hoje o sistema cai a toda hora.

Na frase acima, a repetição da palavra sistema explora o mesmo recurso expressivo alcançado pela repetição de palavra que ocorre na frase:

- (A) É um sujeito arrogante, ninguém consegue mais suportar a vaidade daquele sujeito.
 (B) A roupa informal, o comportamento informal, tudo nela revela sua espontaneidade, sua descontração.
 (C) Valeu-se de uma operação de crédito para tentar restabelecer o crédito com que o distinguíam os amigos mais próximos.
 (D) Ao propor novos tributos, a comissão não avaliou o quanto os tributos antigos já exauriam os recursos dos contribuintes mais pobres.
 (E) A fragilização do mercado de ações acabou por redundar na fragilização de um grande número de empresas nacionais.

A palavra *sistema* está sendo usada em dois sentidos diversos: 1) conjunto das instituições a que os indivíduos se subordinam e 2) por extensão de sentido, *sistema* (computacional), que, de acordo com Houaiss é a “inter-relação das partes, elementos ou unidades que fazem funcionar uma estrutura organizada”. A seguir, detalhamos cada assertiva.

A: a palavra *sujeito* nas duas ocorrências está sendo usada no sentido de “pessoa cujo nome não se enuncia”; **B:** a palavra *informal* nas duas ocorrências está sendo usada no sentido de “não convencional”; **C:** a palavra *crédito* está sendo usada em dois sentidos diversos. Em “operação de crédito” a acepção é de operação financeira (empréstimo) e em “restabelecer o crédito” o significado da palavra *crédito* é confiança; **D:** a palavra *tributos* nas duas ocorrências está sendo usada no sentido de exação fiscal (impostos, taxas, contribuições); **E:** a palavra *fragilização* nas duas ocorrências está sendo usada no sentido de “pouco estável”.

„C. 01104010

(Analista – TRT/3ª – 2005 – FCC) Alguns velhos homens de letras olham com preconceito essa tribo, como se ela fosse composta apenas de jovens, e ainda por cima iletrados.

Pode-se substituir o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, pela expressão

- (A) sobretudo os iletrados.
 (B) e ainda assim iletrados.
 (C) sem falar nos iletrados.
 (D) inclusive os iletrados.
 (E) além de tudo iletrados.

A locução “ainda por cima” pode ser substituída por “além de tudo” ou “além do mais”. Essa expressão transmite a ideia de algo que está a mais no contexto. **A:** *sobretudo* traz a ideia de “especialmente”; **B:** “ainda assim” tem como sinônimos “não obstante, apesar disso”; **C:** a expressão “sem falar” tem a acepção de “excetuar”.

„E. 01104010

(Analista – TRT/11ª – 2005 – FCC) A frase em que NÃO há ambiguidade de sentido é:

- (A) Esse é o tipo de técnico de um time que ninguém deseja que se torne campeão.
 (B) Ele é o autor de romance que faz enorme sucesso junto ao público feminino.
 (C) A razão que ela me deu para ingressar em sua associação só me fez desconfiar ainda mais dela.
 (D) Gostaria que você consultasse sua mãe, antes de ceder sua chácara por ocasião da nossa formatura.
 (E) Quando ela me entregou a carta, percebi logo que as notícias não deviam ser as mais alvissareiras.

A: não está claro se a oração “que se torne campeão” está ligada a técnico ou a time; **B:** não está claro se a oração “que faz enorme sucesso

que, um século atrás, seduzia os emigrantes europeus: sonhos de posse, de bem-estar e de ascensão social.

As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas. A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social, para sermos lançados numa procura infinita de status (e, hipoteticamente, de bem-estar) definido pelo acesso a bens e serviços. Arrancados de nós mesmos, deveremos querer ardentemente ser algo além do que somos.

Depois da liberdade de vender nossa força de trabalho, a “acumulação primitiva” do neoliberalismo nos oferece a liberdade de mudar e subir na vida, ou seja, de cultivar visões, sonhos e devaneios de aventura e sucesso. E, desde o prospecto do emigrante, a oferta vem se aprimorando. A partir dos anos 60, a televisão forneceu os sonhos para que o campo não só devesse, mas quisesse, ir para a cidade.

O requisito para que a máquina neoliberal funcione é mais refinado do que a venda dos mesmos sabonetes ou filmes para todos. Trata-se de alimentar um sonho infinito de perfectibilidade e, portanto, uma insatisfação radical. Não é pouca coisa: é necessário promover e vender objetos e serviços por eles serem indispensáveis para alcançarmos nossos ideais de status, de bem-estar e de felicidade, mas, ao mesmo tempo, é preciso que toda satisfação conclusiva permaneça impossível.

Para fomentar o sujeito neoliberal, o que importa não é lhe vender mais uma roupa, uma cortina ou uma lipoaspiração; é alimentar nele sonhos de elegância perfeita, casa perfeita e corpo perfeito. Pois esses sonhos perpetuam o sentimento de nossa inadequação e garantem, assim, que ele seja parte inalterável, definidora, da personalidade contemporânea.

Provavelmente seria uma catástrofe se pudéssemos, de repente, acalmar nossa insatisfação. Aconteceria uma queda total do índice de confiança dos consumidores. Bolsas e economias iriam para o brejo. Desemprego, crise, etc.

Melhor deixar como está. No entanto, a coisa não fica bem. Do meu pequeno observatório psicanalítico, parece que o permanente sentimento de inadequação faz do sujeito neoliberal uma espécie de sonhador descartável, que corre atrás da miragem de sua felicidade como um trem descontrolado, sem condutor, acelerando progressivamente por inércia – até que os trilhos não aguentem mais.

(Contardo Calligaris, **Terra de ninguém**. São Paulo: Publifolha, 2002)

Nota: O autor desse texto, Contardo Calligaris, é psicanalista e foi professor de estudos culturais na New School de Nova York. Faz parte do corpo docente do Institute for the Study of Violence, em Boston. É também colunista da Folha de S. Paulo.

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão ou frase do texto em:

(A) um navio (...) errando ao lado da costa do Benin = um navio tomando um rumo equivocado junto ao litoral do Benin.

(B) Para fomentar o sujeito neoliberal = com o fito de estimular o homem neoliberal.

(C) arrancados de nós mesmos = arrastados por nossos próprios impulsos.

(D) É preciso que toda satisfação conclusiva permaneça impossível = é mister que não se conclua a satisfação possível.

(E) O protótipo poderia ser o retrospecto = o modelo primitivo poderia ser a ilusão.

O verbo fomentar significa estimular.

Gabarito: B.

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) A partir dos anos 60, a televisão forneceu os sonhos para que o campo não só devesse, mas quisesse, ir para a cidade.

Na frase acima, as formas devesse e quisesse exprimem condições subjetivas, atribuídas a campo. Tal recurso estilístico está presente também no segmento sublinhado na frase:

(A) O protótipo poderia ser o prospecto que (...) seduzia os emigrantes europeus.

(B) (...) o jornalista Elio Gaspari evocava o drama recente de um navio de crianças escravas errando ao largo da costa do Benin.

(C) Não é pouca coisa: é necessário promover e vender objetos e serviços (...)

(D) Aconteceria uma queda total do índice de confiança dos consumidores.

(E) (...) o que importa não é lhe vender mais uma roupa, uma cortina ou uma lipoaspiração (...)

A: pois é atribuído ao prospecto característica humana – “seduzir” – da mesma forma que foi atribuído ao “campo” no trecho original (personificação ou prosopopeia).

Gabarito: A.

2. PRONOME E COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático. Também entre os Gregos foi assim. Reveste, em parte, a forma de mandamentos, como honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros; consiste, por outro lado, numa série de preceitos sobre a moralidade externa e em regras de prudência para a vida, transmitidas oralmente pelos séculos afora; e apresenta-se ainda como comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais a cujo conjunto, na medida em que é transmissível, os Gregos deram o nome de techné. Os preceitos elementares do procedimento correto para com os deuses, os pais e os estranhos foram mais tarde incorporados à lei escrita dos Estados. E o rico tesouro da sabedoria popular, mesclado de regras primitivas de conduta e preceitos de prudência enraizados em superstições populares, chegava pela primeira vez à luz do dia, através de uma antiquíssima tradição oral, na poesia rural gnômica de Hesíodo. As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza, à exposição escrita dos seus segredos,

como esclarece, no que se refere à profissão médica, a coleção dos escritos hipocráticos. Da educação, neste sentido, distingue-se a formação do Homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser. A utilidade lhe é indiferente ou, pelo menos, não essencial. O que é fundamental nela é o kalón, isto é, a beleza, no sentido normativo da imagem desejada, do ideal. A formação manifesta-se na forma integral do Homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior. Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente. Já Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. A princípio, esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, a nobreza.

Obs: gnômico = sentencioso

(Adaptado de Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira, 4.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 23-24.)

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) A expressão a cujo conjunto os gregos deram o nome de techné está corretamente reformulada, mantendo o sentido original, em:

- (A) de cujo conjunto se sabe o nome, a que os gregos deram de “techné”.
- (B) do qual conjunto foi nomeado, pelos gregos, como “techné”.
- (C) que, pelo conjunto, os gregos mencionaram por “techné”.
- (D) pelo conjunto dos quais os gregos nominaram de “techné”.
- (E) o conjunto dos quais recebeu dos gregos o nome de “techné”.

O pronome relativo cujo concorda com a coisa possuída (“conjunto”). A ideia se mantém na oração: “o conjunto dos quais recebeu dos gregos o nome de techné”.

Gabarito “E”

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) A utilidade lhe é indiferente ou, pelo menos, não essencial. É correto afirmar que, na frase acima,

- (A) o pronome pessoal oblíquo refere-se a “homem”.
- (B) o lhe foi empregado com o mesmo valor que tem na frase “Ouviram-lhe o choro convulsivo”.
- (C) a conjunção ou tem valor enfático (como em “ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil”), porque introduz uma ratificação integral do que foi afirmado antes.
- (D) a expressão pelo menos assinala que o elemento referido corresponde, numa hierarquia, àquele que pode ser desconsiderado.
- (E) a expressão não essencial é sinônima de “não é indispensável”.

A: o pronome oblíquo “lhe” refere-se, no texto, ao tipo ideal, à “imagem do homem tal como ele deve ser”; B: o “lhe”, no texto, tem valor de “[é indiferente] para ela”. Na expressão “Ouviram-lhe o choro”, equivale a “[choro] dela”; C: “ou”, no texto, indica alternativa, não ênfase; D: “pelo menos” indica um elemento mínimo (a utilidade não é essencial, ainda que se possa discutir se é indiferente); E: a assertiva é verdadeira.

Gabarito “E”

O século XX: vista aérea

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no final do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. Em 1989 todos os governos do mundo, e particularmente todos os ministérios do Exterior do mundo, ter-se-iam beneficiado de um seminário sobre os acordos de paz firmados após as duas guerras mundiais, que a maioria deles aparentemente havia esquecido.

(Eric Hobsbaw em *Era dos extremos – O breve século XX*. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 13.)

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.

Considerando-se o contexto, não haverá prejuízo para a correção e o sentido da frase acima se se substituir

- (A) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem por a quem cabe resgatar o que é esquecido.
- (B) Por isso por pela razão que se exporá.
- (C) tornam-se mais importantes que nunca por mais do que nunca fazem-se de importantes.
- (D) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem por aos quais cabem resguardar o que foi esquecido.
- (E) tornam-se mais importantes do que nunca por nunca se tornaram mais importantes.

O pronome relativo cujo concorda com o termo posterior (“ofício”), mas retoma o anterior (“historiadores”). A assertiva em A indica uma substituição correta.

Gabarito “A”

(Fiscal de Tributos/Santos-SP – 2005 – FCC) A substituição do elemento sublinhado por pronome, considerando-se também a colocação deste, está correta apenas no seguinte caso:

- (A) (...) jovem e bela mãe que tem nos braços seu primeiro filho varão = jovem e bela mãe que o tem nos braços.
- (B) Poderia ver ao lado, de pé, sério, o vulto do pai. = Poderia ver-lhe ao lado, de pé, sério.
- (C) (...) à medida que for se dando a esse novo varão = à medida que se o for lhe dando.
- (D) Honrarás pai e mãe = Honrará-lhes.
- (E) Seu próprio ser já não tem mais sentido = Seu próprio ser já não tem-no mais.

A: o pronome pessoal do caso oblíquo *o* substitui o objeto direto da oração: “jovem e bela mãe [‘mãe’ é núcleo do sujeito do verbo ‘ter’] que o [objeto direto] tem [verbo transitivo direto] nos braços”; B: o verbo *ver* nessa oração é transitivo direto. O pronome que substitui o objeto direto é o oblíquo *o* (‘o’; pois o verbo termina em -r): “Poderia vê-lo ao lado, de pé, sério.”; C: “(...) à medida que lhe for se [se: si mesma – contextualmente, subentende-se que se refere à mãe, que é o sujeito

subentendido da oração e ao mesmo tempo objeto direto (pronomes reflexivos se) dando”; **D**: o verbo *honrar* nessa oração é transitivo direto. O pronome que substitui o objeto direto é o oblíquo *os* (‘*lo*’, pois o verbo termina em -s’). O verbo *honrar* está no futuro do presente. Usa-se a mesóclise: “Honrá-los-á”; **E**: “Seu próprio ser já não o [objeto direto; ocorre a próclise, pois quando há palavra negativa, o pronome vem antes do verbo] tem [o verbo ter nessa oração é transitivo direto] mais.”

„A. Gabarito

(Analista – TRT/4ª – 2006 – FCC) Rubem Braga escreveu muitas crônicas, nutriu as crônicas com a matéria do cotidiano, fez as crônicas atingir um patamar que parecia interdito às crônicas, e notabilizou-se empregando todo o seu talento nas crônicas.

Evitam-se as viciosas repetições e mantém-se a correção do período acima, substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

- (A) nutriu-as – fê-las atingir – a elas parecia interdito – nelas todo o seu talento.
- (B) nutriu-as – fez-lhes atingir – lhes parecia interdito – a elas todo o seu talento.
- (C) nutriu-lhes – as fez atingir – parecia-lhes interdito – em cujas todo o seu talento.
- (D) as nutriu – fez-lhes atingir – parecia interdito às mesmas – nelas todo o seu talento.
- (E) nutriu-lhes – fez elas atingirem – parecia-lhes interdito – nestas todo o seu talento.

Os objetos diretos dos verbos *nutrir* e *fazer* devem ser substituídos pelo pronome correspondente *as*: nutriu-as e fê-las (nesse caso, como o verbo termina em z, o pronome toma a forma *las* e a letra z é excluída). A locução “parecia interdito” exige complemento indireto. O pronome correspondente é “a elas” ou “lhes”: “que a elas parecia interdito”. O sintagma “nas crônicas” pode ser substituído por *nelas* (em + elas [as crônicas]).

„A. Gabarito

(Analista – TRT/6ª – 2006 – FCC) As crianças amam a água, têm a água como amiga, aproveitam a água como um presente dos céus, extraem da água todos os prazeres que ela oferece.

Evitam-se as repetições viciosas da palavra água da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

- (A) têm-lhe - aproveitam-lhe - extraem-lhe
- (B) têm-na - lhe aproveitam - extraem dela
- (C) a têm - a aproveitam - extraem-na
- (D) lhe têm - aproveitam-na - extraem a ela
- (E) têm-na - aproveitam-na - extraem dela

Nessa oração, os verbos *ter* e *aproveitar* são transitivos diretos. O pronome correspondente ao objeto direto (“a água”) é *a* (*na* – pois o verbo conjugado termina em som nasal); o verbo *extrair* é bitransitivo. O seu objeto indireto é “da água” e pode ser substituído por “dela”.

„E. Gabarito

(Analista – TRT/6ª – 2006 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

- (A) A revelação que lhe fez o amigo, cuja o autor transcreveu, proporcionou-lhe reflexões através das quais compôs uma argumentação interessante.
- (B) Os enormes esforços com que as grandes nadadoras empregam nas competições acabam resultando, no máximo, de uma nova marca a ser batida.

(C) Ao confessar a forte impressão de que lhe ficou daquela maratonista suíça, o autor destaca a imagem de uma atleta que o corpo demonstra dores torturantes.

(D) Os constantes dopings, a que tantos atletas acabam se submetendo, são uma evidência de que há conquistas cujo preço é alto demais.

(E) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco em que não sobreviveu.

A: “revelação (...) a qual o autor transcreveu”; **B**: “resultando (...) em uma nova marca”; **C**: “uma atleta cujo corpo”; **D**: o emprego de ambos os elementos (*a que* e *cujo*) está correto; **E**: “um ataque cardíaco ao qual não sobreviveu”.

„D. Gabarito

(Analista – TRT/20ª – 2006 – FCC) A língua começou a uniformizar-se e a exportar traços comuns para o Brasil inteiro pelas rotas comerciais que a exploração do ouro criou. Se na frase acima substituirmos a forma verbal criou pela forma deu ensejo, o termo que deverá dar lugar à expressão

- (A) a cujas.
- (B) de cujas.
- (C) de onde.
- (D) a que.
- (E) com que.

“A língua começou a uniformizar-se e a exportar traços comuns para o Brasil inteiro pelas rotas comerciais a que a exploração do ouro deu ensejo.”

„D. Gabarito

(Analista – TRF/1ª – 2006 – FCC) Considere as seguintes frases:

- I. O editorial calou fundo nos pesquisadores latino-americanos, que a ele reagiram com firmeza.
- II. O povo cubano deve decidir, por si mesmo, se precisa ou não de ajuda externa.
- III. Ofertas de auxílio podem ser constrangedoras, quando não solicitadas.

A eliminação da(s) vírgula(s) altera o sentido SOMENTE do que está em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

Em “O editorial calou fundo nos pesquisadores latino-americanos, que a ele reagiram com firmeza.”, a vírgula antes da palavra *que* torna a oração explicativa, já a supressão da vírgula torna a oração restritiva. Neste último caso (sem a vírgula), entende-se que não são todos os latino-americanos que “reagiram com firmeza a ele”, apenas alguns.

„A. Gabarito

(Analista – TRT/11ª – 2005 – FCC) Está correto o emprego de ambos os segmentos sublinhados na frase:

- (A) Juventude é, hoje, uma palavra mágica: consideramo-lhe um talismã, nela atribuímos o condão de uma chave que abre todas as portas.
- (B) Quanto ao passado, deixar-lhe em paz, pois se os dias não voltam não há como interferir-lhes.

- (C) Se há dias bons na juventude, não os queiramos emprestar um valor absoluto, pois a eles se alternaram dias infelizes.
- (D) Quanto aos jovens, poupemo-los de aconselhamentos a que não podem ou não sabem dar ouvidos.
- (E) Se é para mim escolher entre o tumulto do jovem e a serenidade do velho, prefiro esta a aquele.

A: o verbo transitivo direto *considerar* exige como complemento o objeto direto (“juventude”) que pode ser substituído pelo pronome *a* (consideramo-la – nesse caso, como o verbo termina em *s*, o pronome toma a forma *la* e a letra *s* é excluída); **B:** nessa assertiva o verbo transitivo direto e indireto *deixar* apresenta um complemento direto (“o passado”) que pode ser substituído pelo pronome *o*: “deixa-o em paz”; com o verbo intransitivo *interferir* utilizaremos a contração *nele* como referente a “o passado”: “não há como nele interferir”; **C:** a locução “queiramos emprestar” exige dois complementos, um direto (“um valor absoluto”) e um indireto “aos dias bons”: “não lhes queiramos emprestar”; **D:** o verbo transitivo direto *poupar* exige complemento direto (“os jovens”) que pode ser substituído pelo pronome correspondente *os* (“poupemo-los”); o pronome relativo *que* vem precedido de preposição *a* por exigência da locução “poder dar” ou “saber dar”; **E:** o pronome pessoal do caso oblíquo (*mim*) não pode ser sujeito: “Se é para eu escolher”.

„D, o, r” Gabarito

(Analista – TRT/13ª – 2005 – FCC) Gosto da democracia, pratico a democracia, respeito os fundamentos que mantêm em pé a democracia, mas nada disso me impede de associar a democracia às campanhas eleitorais, que negam a democracia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados, na ordem dada, por

- (A) a pratico – mantêm-na em pé – lhe associar – a negam
- (B) pratico-a – a mantêm em pé – associar-lhe – negam ela
- (C) a pratico – mantêm ela em pé – a associar – lhe negam
- (D) pratico-a – a mantêm em pé – associá-la – a negam
- (E) pratico-a – lhe mantêm em pé – a associar – negam-lhe

Os objetos diretos dos verbos *praticar*, *manter*, *associar* e *negar* podem ser substituídos pelo pronome *a* (“pratico-a”; “a mantêm”; “a negam”). No caso do verbo *associar*, terminado em *r*, teremos “associá-la”, com a queda da letra *r* e o uso do pronome na forma *la*.

„D, o, r” Gabarito

(Analista – TRT/13ª – 2005 – FCC) A expressão *de que* preenche corretamente a lacuna da frase:

- (A) Continuamos a avaliar seria melhor se você desistisse da eleição.
- (B) A fonte saciará nossa sede fica no alto daquela encosta.
- (C) Há sonhos é impossível se desviar, quando se pensa no futuro.
- (D) Todos os momentos devaneamos ficaram impressos na minha memória.
- (E) Dos livros me ative nos últimos dias, apenas dois têm grande valor.

A: “Continuamos a avaliar que [conjunção integrante] seria melhor”; **B:** “A fonte que [pronome relativo] saciará”; **C:** o verbo regente *desviar* exige a preposição *de*: “Há sonhos de que é impossível se desviar”; **D:** “Todos os momentos em que devaneamos”; **E:** “Dos livros a que me ative”.

„C, o, r” Gabarito

(CEF – Técnico Bancário/Norte e Nordeste – 2004 – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

- (A) A TV entra em quase todos os lares, dos quais exerce grande influência.
- (B) O nível da programação de TV de que cuida esse texto está abaixo do desejável.
- (C) É exagerado o tempo em que as crianças despendem diante de uma tela de TV.
- (D) Os critérios em cujos se baseiam os produtores de TV não são os educativos.
- (E) Ninguém interfere diretamente na programação infantil onde o nível é tão baixo.

A: incorreta (nos quais); **B:** correta; **C:** incorreta (que); **D:** incorreta (nos quais); **E:** incorreta (onde).

„B, o, r” Gabarito

(CEF – Técnico Bancário/Norte e Nordeste – 2004 – FCC) Os programas infantis tem baixo nível. Seria preciso dotar os programas infantis de uma função pedagógica. Quem produz os programas infantis, em nossa terra, não leva os programas infantis a sério.

Evitam-se as abusivas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

- (A) os dotar - Quem produz eles - a eles não leva
- (B) dotar a eles - Quem lhes produz - não os leva
- (C) dotar-lhes - Quem os produz - não leva-os
- (D) dotá-los - Quem produz a eles - não lhes leva
- (E) dotá-los - Quem os produz - não os leva

Em todos os casos, os termos sublinhados devem ser substituídos pelo pronome oblíquo “os”, porque os verbos não regem preposição. Quanto à colocação pronominal, no primeiro caso teremos ênclise (pela ausência de qualquer regra em contrário) e nos dois casos seguintes teremos próclise (determinada pelo pronome indefinido e pelo advérbio de negação, respectivamente). Assim, teremos: “(...) Seria preciso dotá-los de uma função pedagógica. Quem os produz, em nossa terra, não os leva a sério”.

„E, o, r” Gabarito

(CEF – Técnico Bancário – 2004 – FCC) Está correta a utilização da expressão sublinhada na frase:

- (A) Os maiores atletas, cuja a capacidade parecia ter chegado ao máximo, melhoram suas marcas com a ajuda da tecnologia.
- (B) Há quem fale em “construir” um atleta, expressão da qual nem todos julgam ser muito apropriada.
- (C) O avanço da tecnologia esportiva, de cuja importância ninguém duvida, maximiza as potencialidades físicas dos atletas.
- (D) Há modalidades esportivas sob as quais o avanço tecnológico representa um ganho fundamental.
- (E) Mesmo os limites em que todos consideram impossíveis de transpor logo são ultrapassados.

A: incorreta (cuja); **B:** incorreta (que); **C:** correta; **D:** incorreta (sobre as quais); **E:** incorreta (que).

„C, o, r” Gabarito

(CEF – Técnico Bancário – 2004 – FCC) Os jogos olímpicos são antigos. Os gregos encaravam os jogos olímpicos como preparação para as guerras. Vemos os jogos olímpicos, atualmente como disputas de altíssimo nível. A tecnologia esportiva vem dedicando aos jogos olímpicos muita atenção.

Evitam-se as abusivas repetições do trecho substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

- (A) lhes encaravam - Vemo-los - vem dedicando-os
- (B) encaravam-lhes - Vemo-lhes - os vem dedicando
- (C) encaravam eles - Os vemos - lhes vem dedicando
- (D) encaravam-nos - Vemo-lhes - vem--lhes dedicando
- (E) encaravam-nos - Vemo-los - vem--lhes dedicando

Nos dois primeiros casos, a expressão deve ser substituída pelo pronome oblíquo “os”, ao passo que no terceiro deve ser usado o pronome oblíquo “lhes”, por ser o único verbo que rege preposição. Quanto à colocação pronominal, em todos os casos devemos usar a ênclise, pela ausência de construções ou palavras que determinem regra diversa. Assim: “(...) Os gregos encaravam-nos como preparação para as guerras. Vemo-los, atualmente, como disputas de altíssimo nível. A tecnologia esportiva vem-lhes dedicando muita atenção”.

„B. oimabg

(CEF – Técnico Bancário – 2000 – FCC) Na Chácara do Frade, as pessoas olham os canteiros e percorrem os canteiros informando-se sobre o que está plantado nos canteiros. Elimina-se as repetições viciosas da frase acima substituindo-se corretamente os termos sublinhados por:

- (A) percorrem eles - lhes está plantado
- (B) os percorrem - neles está plantado
- (C) percorrem-lhes - neles está plantado
- (D) os percorrem - está plantado-lhes
- (E) percorrem-lhes - lhes está plantado

“Percorrer” não rege preposição, portanto a primeira substituição deve ser feita pelo pronome oblíquo “os”. No segundo caso, “plantar” rege a preposição “em”, que deve aglutinar-se com o pronome reto “eles”. Assim: “(...) e os percorrem informando-se sobre o que neles está plantado”.

„B. oimabg

Do século XVII ao XX circulou na Europa, com bastante intensidade, o mito de uma arcádia campestre. Muitos escritores ingleses sustentaram também esse mito durante séculos; os textos desses autores ingleses são até hoje bastante populares.

(CEF – Técnico Bancário – 2000 – FCC) Reescrevendo-se o segundo período e substituindo-se os termos grifados acima por pronomes correspondentes, obtém-se corretamente:

- (A) Muitos escritores ingleses, os quais textos são até hoje bastante populares, o sustentaram também durante séculos.
- (B) Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.
- (C) Muitos escritores ingleses, cujos os textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.
- (D) Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.
- (E) Muitos escritores ingleses, que os textos deles são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.

O termo “mito”, para evitar a repetição desnecessária, deve ser substituído pelo pronome oblíquo “o”, por ter função de objeto

direto, e virá enclítico, diante do início do período logo após a vírgula. “Desses autores ingleses” deve ser substituído pelo pronome relativo “cujos”, para que se mantenha a concordância. Assim: “(...) cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos”.

„D. oimabg

Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

- Pode até mesmo parecer um pouco antagônica a conjugação dos termos “tecnologia” e “política”, mas a prática – e sua intensidade – com que se desenvolve o processo de convencimento popular em tempos atuais, com toda a “sofisticação” de recursos – não necessariamente técnicos – que se possa imaginar, nos leva a admitir a absoluta compatibilidade entre aqueles termos, ao ponto em
- 5 que imaginar-se uma candidatura sem o arrojo dos “avanços” estratégicos políticos é o mesmo que se predispor à mais imprevisível das aventuras.
- Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma
- 15 manifestação “mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera”.

(Alexandre Vidigal de Oliveira, Tecnologia política e a globalização da crise de representatividade, in: *Correio Brasileiro*, 14/10/2002, com adaptações.)

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Considerando que as opções a seguir constituem, no conjunto, uma reescritura para o primeiro parágrafo do texto, assinale o trecho que apresenta erro gramatical ou desrespeita as ideias do texto.

Pode até mesmo parecer antagônica a conjugação dos termos “tecnologia” e “política”.

- (A) A intensidade da prática, no entanto, nos leva a admitir a absoluta compatibilidade entre aqueles termos.
- (B) Esses “avanços” estratégicos são, portanto, o mesmo que se predispor à mais imprevisível das aventuras.
- (C) Tal processo apresenta toda a sofisticação de recursos que se possa imaginar; recursos estes não necessariamente técnicos.
- (D) Isso leva ao ponto de não mais se imaginar uma candidatura desprovida dos avanços estratégicos políticos.
- (E) O processo de convencimento popular em tempos atuais se desenvolve com a prática.

O pronome demonstrativo esses está relacionado somente à “política”, de modo que o trecho não apreende a importância da prática e da intensidade da tecnologia. Além disso, o pronome não retoma nenhum avanço presente no texto.

„B. oimabg

4. REGÊNCIA

(Analista – TRT/4* – 2006 – FCC) Parecia desinteressado da opinião alheia, naquele evento organizado por uma grande empresa, a que comparecera apenas por força de contrato profissional.

A frase acima permanecerá formalmente correta caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por

- (A) infenso pela opinião alheia / onde fora
- (B) infenso à opinião alheia / em que se fizera presente
- (C) imparcial pela opinião alheia / aonde estivera
- (D) neutralizado sobre a opinião alheia / na qual estivera
- (E) imparcial com a opinião alheia / aonde se apresentara

Verificar as regências verbais e nominais. **A:** infenso à opinião alheia; aonde fora; **B:** “Parecia infenso [em oposição a] à opinião alheia, naquele evento organizado por uma grande empresa em que se fizera presente apenas por força de contrato profissional.”; **C:** onde estivera; **D:** neutralizado pela opinião alheia; **E:** imparcial à opinião alheia; onde se apresentara.

Gabarito: “B”

(Analista – TRF/1* – 2006 – FCC) A expressão *com que preenche corretamente a lacuna da frase:*

- (A) Foi dura, mas justa, a réplica Sergio Pastrana se valeu, em desagravo à dignidade do país.
- (B) Foi grande a repercussão obteve o editorial da revista entre pesquisadores latino-americanos.
- (C) A muitos cubanos ofenderam os termos o editorial se referiu ao futuro do país.
- (D) As grandes potências costumam ser presunçosas quando analisam o tipo de sociedade os pequenos países escolheram construir.
- (E) A revista britânica esqueceu-se de que os cubanos notabilizaram-se pelo sentimento de solidariedade já demonstraram nas últimas décadas.

Para responder a essa questão, observe a regência dos verbos: “valer-se”, “obter”, “ofender”, “demonstrar” e a locução “escolher construir”. **A:** “a réplica da qual Sergio Pastrana se valeu”; **B:** “a repercussão que obteve o editorial”; **C:** *com que* preenche corretamente a frase; **D:** “o tipo de sociedade que os pequenos países escolheram construir”; **E:** “sentimento de solidariedade que já demonstraram”.

Gabarito: “C”

(Analista – TRT/13* – 2005 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

- (A) O autor preza a discussão à qual se envolvem os moradores de um condomínio, quando os anima a aspiração de um consenso.
- (B) A frase de Mitterrand na qual se arremeteu o candidato Giscard não representava, de fato, uma posição com a qual ninguém pudesse discordar.
- (C) A frase de cujo teor Giscard discordou revelava, de fato, o sentimento de superioridade do qual o discurso de Mitterrand era uma clara manifestação.
- (D) Os candidatos em cujos argumentos são fracos costumam valer-se da oposição entre o certo e errado à qual se apoiam os maniqueístas.
- (E) O comportamento dos condôminos cuja a disposição é o consenso deveria servir de exemplo ao dos candidatos que seu único interesse é ganhar a eleição.

Verificar a regência verbal dos elementos em negrito. **A:** “O autor preza a discussão na qual se envolvem (...) quando os anima a **aspiração** a um consenso.”; **B:** “A frase de Mitterrand contra a qual se **arremeteu** o candidato Giscard não representava (...) uma posição da qual ninguém pudesse **discordar**.”; **C:** “A frase de cujo teor Giscard **discordou** revelava (...) o sentimento de superioridade do qual o discurso de Mitterrand era uma clara **manifestação**.”; **D:** “Os candidatos cujos argumentos são fracos costumam **valer-se** da oposição entre o certo e errado na qual se **apoiam** [sem acento, conforme o novo Acordo Ortográfico] os maniqueístas.”; **E:** “O comportamento dos condôminos cuja [sem oposição de artigo] disposição é o consenso deveria servir de exemplo ao dos candidatos já que seu único interesse é ganhar a eleição.”

Gabarito: “C”

Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). *Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos “nossos”, ou seja, para a modernidade. Bem antes que tentassem me convencer de que a data de nascimento da modernidade era um espirito cartesiano (...), quando era rapaz, se ensinava que a modernidade começou em outubro de 1492. Nos livros da escola, o primeiro capítulo dos tempos modernos eram e são as grandes explorações. Entre elas, a viagem de Colombo ocupa um lugar muito especial. Descidas Saara adentro ou intermináveis caravanas por montes e desertos até a China de nada valiam comparadas com a aventura do genovês. Precisa ler “Mediterrâneo” de Fernand Braudel para conceber o alcance simbólico do pulo além de Gibraltar, não costeando, mas reto para frente. Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna.*

(Contardo Calligaris, “A Psicanálise e o sujeito colonial”. In: *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, pp.11-12.)

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

- (A) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
- (B) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
- (C) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
- (D) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
- (E) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

a “acumulação primitiva”, ou seja, o processo que, no século XVI, criou as condições necessárias ao surgimento do capitalismo.

Para que ganhássemos nosso mundo moderno, foi necessário, por exemplo, que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se. Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver.

Quatro ou cinco séculos mais tarde, essa violência não deveria ter acabado? Ao que parece, o século XX pediu uma espécie de segunda rodada, um ajuste: a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global.

Simple continuação ou repetição? Talvez haja uma diferença – pequena, mas substancial – entre as massas do século XVI e os migrantes da globalização: as primeiras foram arrancadas de seus meios de subsistência, os segundos são expropriados de seu lugar pela violência da fome, por exemplo, mas quase sempre eles recebem em troca um devaneio. O protótipo poderia ser o prospecto que, um século atrás, seduzia os emigrantes europeus: sonhos de posse, de bem-estar e de ascensão social.

As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas. A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social, para sermos lançados numa procura infinita de status (e, hipoteticamente, de bem-estar) definido pelo acesso a bens e serviços. Arrancados de nós mesmos, deveremos querer ardentemente ser algo além do que somos.

Depois da liberdade de vender nossa força de trabalho, a “acumulação primitiva” do neoliberalismo nos oferece a liberdade de mudar e subir na vida, ou seja, de cultivar visões, sonhos e devaneios de aventura e sucesso. E, desde o prospecto do emigrante, a oferta vem se aprimorando. A partir dos anos 60, a televisão forneceu os sonhos para que o campo não só devesse, mas quisesse, ir para a cidade.

O requisito para que a máquina neoliberal funcione é mais refinado do que a venda dos mesmos sabonetes ou filmes para todos. Trata-se de alimentar um sonho infinito de perfectibilidade e, portanto, uma insatisfação radical. Não é pouca coisa: é necessário promover e vender objetos e serviços por eles serem indispensáveis para alcançarmos nossos ideais de status, de bem-estar e de felicidade, mas, ao mesmo tempo, é preciso que toda satisfação conclusiva permaneça impossível.

Para fomentar o sujeito neoliberal, o que importa não é lhe vender mais uma roupa, uma cortina ou uma lipoaspiração; é alimentar nele sonhos de elegância perfeita, casa perfeita e corpo perfeito. Pois esses sonhos perpetuam o sentimento de nossa inadequação e garantem, assim, que ele seja parte inalterável, definidora, da personalidade contemporânea.

Provavelmente seria uma catástrofe se pudéssemos, de repente, acalmar nossa insatisfação. Aconteceria uma

queda total do índice de confiança dos consumidores. Bolsas e economias iriam para o brejo. Desemprego, crise, etc.

Melhor deixar como está. No entanto, a coisa não fica bem. Do meu pequeno observatório psicanalítico, parece que o permanente sentimento de inadequação faz do sujeito neoliberal uma espécie de sonhador descartável, que corre atrás da miragem de sua felicidade como um trem descontrolado, sem condutor, acelerando progressivamente por inércia – até que os trilhos não aguentem mais.

(Contardo Calligaris, **Terra de ninguém**. São Paulo: **Publifolha**, 2002)

Nota: O autor desse texto, Contardo Calligaris, é psicanalista e foi professor de estudos culturais na New School de Nova York. Faz parte do corpo docente do Institute for the Study of Violence, em Boston. É também colunista da Folha de S. Paulo.

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Sonhos não faltam; há sonhos dentro de nós e por toda parte, razão pela qual a estratégia neoliberal convoca esses sonhos, atribui a esses sonhos um valor incomensurável, sabendo que nunca realizaremos esses sonhos.

Evitam-se as viciosas repetições dos elementos sublinhados na frase acima substituindo-os, na ordem dada, por:

- (A) há eles - convoca-os - atribui-lhes - realizaremos-los
- (B) os há - os convoca - lhes atribui - realizaremos-los
- (C) há-os - convoca-lhes - os atribui - realizá-los-emos
- (D) há estes - lhes convoca - atribui-lhes - os realizaremos
- (E) há-os - os convoca - atribui-lhes - os realizaremos

E: pois o verbo haver pede complemento direto (os), assim como o verbo convocar. O verbo atribuir pede complemento preposicionado (lhes = a eles) e o verbo realizar pede complemento direto.

Gabarrão "E"

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

- (A) Os sonhos de cujos nos queremos alimentar não satisfazem os desejos com que a eles nos moveram.
- (B) A expressão de Elio Gaspari, a qual se refere o autor do texto, é “cidadãos descartáveis”, e alude às criaturas desesperadas cujo o rumo é inteiramente incerto.
- (C) Os objetivos de que se propõem os neoliberais não coincidem com as necessidades por cujas se movem os “cidadãos descartáveis”.
- (D) As miragens a que nos prendemos, ao longo da vida, são projeções de anseios cujo destino não é a satisfação conclusiva.
- (E) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga pelo valor em que nos satisfaremos.

O verbo pretender pede complemento preposicionado e é regido pela preposição a, desse modo o pronome relativo deve ser introduzido por tal preposição (a que). O pronome relativo cujo relaciona dois substantivos, indicando posse (destino das projeções de anseios).

Gabarrão "D"

- (C) O cerceamento à liberdade, nos regimes totalitários, leva a indignação coletiva às alturas quando os que mais têm a dizer são intimados a calar-se.
- (D) Não cabe à qualquer pessoa levar a cabo uma experiência científica, mas à toda gente cabe decidir sobre o emprego que se dará às novas ferramentas da ciência.
- (E) Com os nervos à flor da pele, assistimos na TV à uma cena em que um homem rude, promovido a condição de milagreiro, dava início a tão anunciada intervenção cirúrgica.

A: “Esse grande físico não pertenceu àquele [O verbo pertencer é transitivo indireto e exige preposição *a*. O pronome demonstrativo permite que a crase ocorra.] grupo (...) que se mantinham à margem [essa locução é uma expressão que nesse contexto significa ‘sem participação’. Leva acento grave] (...)”; **B:** Einstein não se limitou a [não ocorre a crase antes de verbo, uma vez que a crase é o encontro entre a preposição *a* e o artigo feminino *a* (ou do pronome demonstrativo)] escrever textos científicos; lançou-se à roda [essa locução é uma expressão que nesse contexto significa ‘em torno de’. Leva acento grave] dos grandes debates políticos internacionais, a [preposição – o verbo regente *prender* é pronominal e bitransitivo na acepção de vincular-se. Não ocorre a crase.] cuja órbita se prendiam as decisões cruciais do pós-guerra.”; **C:** O cerceamento à [o verbo regente *cercear* no sentido de ‘impor limite a’ é bitransitivo] liberdade, nos regimes totalitários, leva a indignação coletiva às alturas [o verbo regente *levar* é transitivo direto e indireto e exige a preposição *a*] quando (...); **D:** “Não cabe a [preposição – não ocorre a crase] qualquer pessoa levar a cabo uma experiência científica, mas a [preposição – não ocorre a crase] toda gente cabe decidir sobre o emprego que se dará às [ocorre a crase] novas ferramentas da ciência.”; **E:** “Com os nervos à flor da pele [essa locução é uma expressão que leva acento grave], assistimos na TV a [preposição – o verbo regente *assistir* no sentido de ‘ver ou ouvir um espetáculo’ é transitivo indireto e exige preposição *a*. Não ocorre a crase, pois não há artigo *a* ou pronome demonstrativo.] uma cena em que um homem rude, promovido à [a palavra regente promovido exige a preposição *a* e a palavra regida ‘condição’ aceita o artigo definido feminino *a*] condição de milagreiro, dava início à [a palavra regente *início* exige a preposição *a* e a palavra regida ‘anunciada’ aceita o artigo definido feminino *a*] tão anunciada intervenção cirúrgica.”

«C. oimbrat»

(Analista – TRE/MG – 2005 – FCC) Justifica-se o sinal de crase em ambos os elementos sublinhados na frase:

- (A) Opõe-se o autor àqueles fundamentalistas que não admitem rever os resultados à que chegaram.
- (B) Hawking dispôs-se à apresentar a um plenário de cientistas correções à sua teoria dos buracos negros.
- (C) A quem aspira às certezas dogmáticas não satisfarão as hipóteses de trabalho, sempre sujeitas à alguma revisão.
- (D) Hawking filia-se à tradição dos grandes cientistas, que sempre souberam curvar-se às evidências de um equívoco.
- (E) Fundamentalista é todo aquele que prefere às certezas dogmáticas às hipóteses sujeitas a verificação e a erro.

A: o verbo regente *opor-se* exige preposição *a*. O pronome demonstrativo *aquele* permite a contração. Ocorre a crase; o verbo regente *chegar* exige a preposição *a*, porém a palavra *que* não é determinada por um artigo. Não ocorre a crase (“resultados a que chegaram”); **B:** o verbo regente *dispor-se* exige preposição *a*, porém não ocorre a crase antes de verbos: “dispôs-se a apresentar”; a palavra regente *correções* exige a preposição *a*. Diante de pronome possessivo feminino, o uso da crase não é obrigatório: “correções a sua teoria” ou “correções à

sua teoria”; **C:** o verbo regente *aspirar* exige preposição *a*; a palavra regente *sujeitas* exige preposição *a*. Porém, não ocorre a crase com o pronome indefinido *alguma*: “sujeitas a alguma revisão”; **D:** o verbo regente *filial-se* exige preposição *a*. A palavra *tradição* aceita o artigo *a*. Ocorre a crase; o verbo regente *curvar-se* exige preposição *a*. A palavra *evidências* aceita o artigo *a*. Ocorre a crase. A assertiva D é a correta; **E:** o verbo *preferir* é bitransitivo: há um objeto direto (“as certezas”) e um objeto indireto (“às hipóteses”).

«D. oimbrat»

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Assinale a opção gramaticalmente correta.

- (A) Está a pleno e rápido andamento uma revolução nas relações entre bancos e clientes, alinhada com à própria velocidade da implantação de sistemas, equipamentos e processos que caracterizam a tecnologia da informação, ou seja, da informática e das telecomunicações.
- (B) Esse quadro, porém, demonstra pelo menos duas faces: a) os já incluídos têm à sua disposição um leque de possibilidades igual ou mais amplo do que em muitos países do primeiro mundo; b) no campo dos excluídos, há um enorme espaço à conquistar.
- (C) Já estão informatizadas 73% das operações bancárias e já existe 15 milhões de correntistas agindo de alguma forma conectados a rede. É verdade que os incluídos na era digital ainda são minoria na sociedade brasileira: estimam-se que de 10% a 11% da população tenha acesso à Internet.
- (D) De um lado, o sistema bancário investe continuamente em infraestrutura, lança novos produtos e serviços e reduz custos. De outro, o cliente vai aderindo progressivamente a essas maravilhas da modernidade, comprando computadores (e aprendendo a viver com eles) e vencendo resistências culturais seja em casa, seja no trabalho.
- (E) Há ações públicas ou governamentais inteiramente eletrônicas que, em muitos casos, independe da posse de computador na casa das pessoas: licenciamento de veículos, declaração do imposto de renda, eleições, urnas e apuração, por exemplo.

(Itens adaptados de www2.estado.estadao.com.br/edição/especial/bancos)

A alternativa correta é a D pois, na alternativa A, o emprego da crase (com à própria) está incorreto; alternativa B, pois a crase não é usada diante de verbos (à conquistar); alternativa C, verbo *existir* deve concordar com o sujeito (15 milhões de correntistas – plural); alternativa E, pois, como não há ideia de exclusão estabelecida pela conjunção alternativa *ou*, o verbo é flexionado no plural *independem* (sujeito: ações públicas ou governamentais).

«D. oimbrat»

Leia o texto.

As instituições financeiras estão obrigadas a operar dentro das regras e definições do novo sistema de pagamentos que compreende os serviços de compensação de cheques e outros papéis, a liquidação de ordens eletrônicas de débitos e créditos, a transferência de fundos e outros ativos financeiros, a compensação e liquidação

- de operações na Bolsa de Mercadorias e Futuros, incluindo aquelas relativas a derivativos financeiros.
- 10 Desta forma, conceitua-se o Sistema de Pagamentos Brasileiro como um conjunto de regras, procedimentos, instrumentos de controle e sistemas operacionais que devem funcionar integrados
- 15 para transferir fundos do pagador para o recebedor.

(BANCO HOJE, março de 2001, p.57, com adaptações.)

(Analista – BACEN – 2001 – FCC) Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

- (A) A expressão “estão obrigadas”(l. 1) pode ser substituída por **obrigam-se**, sem alterar a correção gramatical do período.
- (B) A forma verbal “compreende”(l. 3) está sendo utilizada com a mesma significação que no seguinte exemplo: **O Código de Ética e Decoro compreende ações tanto públicas quanto privadas de agentes públicos.**
- (C) Se a expressão “devem funcionar integrados”(l. 14 e 15) estivesse no singular, **deve funcionar integrado**, para concordar com “um conjunto”(l. 12), o período estaria igualmente correto.
- (D) Em “relativas a derivativos”(l. 9 e 10) o uso do sinal indicativo de crase é facultativo.
- (E) O trecho “conceitua-se o Sistema de Pagamentos Brasileiro como” (l. 11 e 12) pode ser substituído por **o Sistema de Pagamentos Brasileiro é conceituado como**, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

O emprego da crase não pode ser facultativo, pois se trata de um substantivo masculino que, por sua vez, impede a presença da crase.

Gabarrão "D"

7. CONJUNÇÃO

(Analista – TRT/6ª – 2006 – FCC) Tocada a borda da piscina, para onde olham as nadadoras?

Os elementos sublinhados acima podem ser substituídos, respectivamente, sem prejuízo para a correção e para o sentido da frase, por:

- (A) Tão logo tocam / aonde miram
- (B) Ainda quando toquem / miram-se aonde
- (C) Quando forem tocar / no que miram
- (D) Na iminência de tocarem / miram onde
- (E) Mesmo quando tocada / sobre o que miram

A única assertiva que preserva as relações sintático-semânticas é a **A**: “Tão logo [assim que] tocam a borda da piscina, aonde miram as nadadoras?”. A escolha da locução conjuntiva (“tão logo”) é que permite solucionar a questão, pois há várias possibilidades com o verbo *mirar*. O verbo regente *mirar* na acepção de “voltar-se para”, “fitar” pode ser transitivo direto ou transitivo indireto e, nesse caso, vir acompanhado das preposições *a* ou *em*. O verbo na acepção de “estar voltado, olhar” é transitivo indireto e pode aparecer com a preposição *para*.

Gabarrão "A"

(Analista – TRT/6ª – 2006 – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

- (A) Muita gente se agarra à imagem artificial de si mesma sem saber porquê.
- (B) Não é fácil explicar o porquê do prestígio que alcança a imagem ilusória das pessoas.
- (C) Não sei porque razão os outros querem nos impor a imagem que têm de nós.
- (D) Se a ela aderimos, é por que nossa imagem ilusória traz alguma compensação.
- (E) Queremos perguntar, diante do espelho artificial, por quê nossa imagem não está lá.

A: “sem saber por quê.” – a palavra *por quê* separada e com acento é utilizada no final da frase e no sentido de “por qual razão”; **B**: a palavra *porquê* é um substantivo, pode vir precedida por artigo definido e tem aceção de “motivo”; **C**: “Não sei por que razão” a palavra *por que* separada é utilizada no sentido de “por qual razão”; **D**: “é porque nossa imagem” – *porque* junto e sem acento é uma conjunção explicativa; **E**: “por que nossa imagem”.

Gabarrão "B"

(Analista – TRT/24ª – 2006 – FCC) Estamos conscientes de que, sem as instituições, imperaria o caos, a barbárie, a violência, a lei da selva.

Uma outra forma correta de expressar o que diz a frase acima é: Estamos conscientes de que imperaria o caos, a barbárie, a violência, a lei da selva,

- (A) porquanto não houvessem as instituições.
- (B) no caso delas não terem havido.
- (C) não fossem as instituições.
- (D) deixassem as instituições de nos falar.
- (E) não obstante as instituições.

Deslocando para o final da oração o sintagma “sem as instituições”, teríamos que manter a ideia condicional. Essa ideia se mantém na assertiva **C**: “Estamos conscientes de que imperaria o caos, a barbárie, a violência, a lei da selva, não fossem as instituições.” A alternativa A apresenta uma conjunção com valor explicativo; as alternativas B e D apresentam construções problemáticas e a alternativa E apresenta uma conjunção com valor adversativo.

Gabarrão "C"

(Analista – TRT/24ª – 2006 – FCC) Na frase No entanto, mesmo com a multiplicação das instituições, não conhecemos nenhuma época histórica que não tenha sido marcada por conflitos, o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo para o sentido, por:

- (A) Ainda assim, contando com a
- (B) Porém, ainda que houvesse a
- (C) Apesar disso, pelo fato de haver a
- (D) Todavia, apesar da
- (E) Por conseguinte, a despeito da

A conjunção adversativa *no entanto* pode ser substituída pela adversativa *todavia*; já a conjunção *mesmo* pode ser substituída por outra de valor concessivo, como *apesar de*.

Gabarrão "D"

(Analista – TRT/11ª – 2005 – FCC) Considere as seguintes frases:

- I. Tenho sempre saudades dos tios, que tanto fizeram por mim.
- II. Ela me passou as informações, apenas, necessárias para a inscrição no concurso.

III. Durante o dia todo, ela ficou se lastimando por não haver cumprido a promessa.

A supressão de vírgula(s) altera o sentido do que está em

(A) I, II e III.

(B) I e II, somente.

(C) I e III, somente.

(D) II e III, somente.

(E) II, somente.

I: “Tenho (...) saudades dos tios, que” – a vírgula antes da palavra *que* torna a oração explicativa (ou seja, todos os tios fizeram muito por mim).

“Tenho (...) saudades dos tios que” – a supressão da vírgula torna a oração restritiva. Nesse caso (se não houver vírgula), entende-se que o sujeito sente saudades somente dos tios “que tanto fizeram por mim”, e não de todos os tios (nesse caso, entende-se que nem todos os tios fizeram muito por mim, apenas alguns deles); II: “Ela me passou as informações, apenas, necessárias”: a vírgula isolando a palavra *apenas* faz entender que o sujeito (ela) somente passou informações. A supressão da vírgula faz entender que o sujeito da oração passou uma seleção de informações que seriam necessárias para a inscrição no concurso.

“B. Cabral”

(Analista – TRT/13ª – 2005 – FCC) Ultrapassamos o tamanho das comunas medievais, e hoje um governo democrático só pode ser representativo: as eleições são inevitáveis.

Mantém-se o sentido da frase acima caso se substitua a expressão sublinhada por

(A) ainda que.

(B) a fim de que.

(C) a partir do que.

(D) muito embora.

(E) tendo em vista que.

A locução “a partir do que” tem a acepção de “deste ponto em diante”. É a alternativa mais adequada para se substituir a conjunção aditiva e o advérbio *hoje*: “Ultrapassamos o tamanho das comunas medievais, a partir do que um governo democrático só pode ser representativo”. As assertivas A e D apresentam locuções conjuntivas concessivas. Não há a ideia de concessão na frase proposta. A alternativa B apresenta uma locução conjuntiva final e a E apresenta uma locução conjuntiva causal.

“C. Cabral”

O segredo da acumulação primitiva neoliberal

Numa coluna publicada na Folha de São Paulo, o jornalista Elio Gaspari evocava o drama recente de um navio de crianças escravas errando ao largo da costa do Benin. Ao ler o texto – que era inspirado –, o navio tornava-se uma metáfora de toda a África subsaariana: ilha à deriva, mistura de leprosário com campo de extermínio e reserva de mão de obra para migrações desesperadas.

Elio Gaspari propunha um termo para designar esse povo móvel e desesperado: “os cidadãos descartáveis”. “Massas de homens e mulheres são arrancados de seus meios de subsistência e jogados no mercado de trabalho como proletários livres, desprotegidos e sem direitos.” São palavras de Marx, quando ele descreve a “acumulação primitiva”, ou seja, o processo que, no século XVI, criou as condições necessárias ao surgimento do capitalismo.

Para que ganhássemos nosso mundo moderno, foi necessário, por exemplo, que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se. Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver.

Quatro ou cinco séculos mais tarde, essa violência não deveria ter acabado? Ao que parece, o século XX pediu uma espécie de segunda rodada, um ajuste: a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global.

Simples continuação ou repetição? Talvez haja uma diferença – pequena, mas substancial – entre as massas do século XVI e os migrantes da globalização: as primeiras foram arrancadas de seus meios de subsistência, os segundos são expropriados de seu lugar pela violência da fome, por exemplo, mas quase sempre eles recebem em troca um devaneio. O protótipo poderia ser o prospecto que, um século atrás, seduzia os emigrantes europeus: sonhos de posse, de bem-estar e de ascensão social.

As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas. A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social, para sermos lançados numa procura infinita de status (e, hipoteticamente, de bem-estar) definido pelo acesso a bens e serviços. Arrancados de nós mesmos, deveremos querer ardentemente ser algo além do que somos.

Depois da liberdade de vender nossa força de trabalho, a “acumulação primitiva” do neoliberalismo nos oferece a liberdade de mudar e subir na vida, ou seja, de cultivar visões, sonhos e devaneios de aventura e sucesso. E, desde o prospecto do emigrante, a oferta vem se aprimorando. A partir dos anos 60, a televisão forneceu os sonhos para que o campo não só devesse, mas quisesse, ir para a cidade.

O requisito para que a máquina neoliberal funcione é mais refinado do que a venda dos mesmos sabonetes ou filmes para todos. Trata-se de alimentar um sonho infinito de perfectibilidade e, portanto, uma insatisfação radical. Não é pouca coisa: é necessário promover e vender objetos e serviços por eles serem indispensáveis para alcançarmos nossos ideais de status, de bem-estar e de felicidade, mas, ao mesmo tempo, é preciso que toda satisfação conclusiva permaneça impossível.

Para fomentar o sujeito neoliberal, o que importa não é lhe vender mais uma roupa, uma cortina ou uma lipoaspiração; é alimentar nele sonhos de elegância perfeita, casa perfeita e corpo perfeito. Pois esses sonhos perpetuam o sentimento de nossa inadequação e garantem, assim, que ele seja parte inalterável, definidora, da personalidade contemporânea.

Provavelmente seria uma catástrofe se pudéssemos, de repente, acalmar nossa insatisfação. Aconteceria uma queda total do índice de confiança dos consumidores. Bolsas e economias iriam para o brejo. Desemprego, crise, etc.

Melhor deixar como está. No entanto, a coisa não fica bem. Do meu pequeno observatório psicanalítico, parece que o permanente sentimento de inadequação faz do sujeito neoliberal uma espécie de sonhador descartável, que corre atrás da miragem de sua felicidade como um trem descontrolado, sem condutor, acelerando progressivamente por inércia – até que os trilhos não aguentem mais.

Nota: O autor desse texto, Contardo Calligaris, é psicanalista e foi professor de estudos culturais na New School de Nova York. Faz parte do corpo docente do Institute for the Study of Violence, em Boston. É também colunista da Folha de S. Paulo.

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) O requisito para que a máquina neoliberal funcione é mais refinado do que a venda dos mesmos sabonetes ou filmes para todos. Trata-se de alimentar um sonho infinito de perfectibilidade (...).

Entre os dois períodos acima, há uma conexão lógica que se manteria com a substituição do segmento sublinhado

- (A) para todos; assim como há a necessidade de
- (B) para todos? Não, já que se trata de
- (C) para todos? Sim, a despeito de consistir em
- (D) para todos, conquanto seja o caso de
- (E) para todos, pois consiste em

A conjunção explicativa mantém a mesma relação de sentido entre os períodos.

Gabarrito "E"

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) A frase inteiramente correta, coesa e coerente é:

- (A) Depois de haver passado quatro ou cinco séculos, é de se esperar que se houvesse posto fim com tamanha violência.
- (B) Já decorreram quatro ou cinco séculos e, a despeito disso, não há sinais de arrefecimento de toda essa violência.
- (C) Não parece que essa violência venha a ser dirimida, apesar desses quatro ou cinco séculos em que ocorreu.
- (D) Muito embora tenham passado-se três ou quatro séculos, essa violência vem ocorrendo de forma sistemática.
- (E) Mesmo que já se passassem três ou quatro séculos, não obstante não houve indícios de que a violência tenha amenizado.

Ao relacionar os dois períodos, a locução a a despeito de estabelece uma ideia de adversidade entre as orações, de modo que demonstra que o tempo percorrido (quatro ou cinco séculos) não foi o bastante para arrefecer a violência.

Gabarrito "B"

O texto abaixo serve de base para a questão a seguir.

O processo de reestruturação da economia brasileira alterou radicalmente o cenário 1 atuavam as instituições financeiras.

A abertura da economia, 2 incremento das importações e exportações, além de exigir o desenvolvimento de produtos e serviços ágeis no mercado de câmbio, revelou o grau de ineficiência de alguns setores industriais e comerciais domésticos, com baixa lucratividade e deseconomias, 3 refletir-se na incapacidade de recuperação de empréstimos concedidos pelos bancos. 4, atuou o corte de subsídios a alguns setores econômicos, aumentando o grau de inadiquência para com o sistema bancário. Além disso, as políticas monetária e fiscal restritivas

adotadas a partir da implementação do Plano Real contribuíam adicionalmente para as dificuldades creditícias enfrentadas por alguns setores da economia, 5 forma passageira.

(www.bcb.gov.br)

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Assinale a opção em que uma das sugestões não preenche a lacuna com coesão e coerência.

- (A) 1 em que / no qual
- (B) 5 mesmo que de / apesar de
- (C) 3 que passou a / o que veio a
- (D) 4 No mesmo sentido / Com a mesma orientação
- (E) 2 acompanhada do conseqüente / seguida naturalmente do

Os termos não preenchem de modo coeso a primeira lacuna, já que estabelecem relações semânticas de concessão e adversidade.

Gabarrito "B"

O Brasil tem o maior e mais complexo sistema financeiro da América Latina, com 208 bancos, que se distribuem por mais de 17 mil agências e aproximadamente 15 mil postos de atendimento adicionais. Contudo, o desenvolvimento desse imenso complexo, nos últimos trinta anos foi profundamente marcado pelo crônico processo inflacionário que predominou, nesse período, na economia brasileira. A longa convivência com a inflação possibilitou às instituições financeiras ganhos proporcionados pelos passivos não remunerados, como os depósitos a vista e os recursos em trânsito, o que compensou ineficiências administrativas e perdas decorrentes de concessões de créditos que foram se revelando, ao longo do tempo, de difícil liquidação.

(www.bcb.gov.br)

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Assinale a opção em que a substituição sugerida está de acordo com as ideias do texto acima e não exige outras transformações no texto para assegurar a correção gramatical.

- (A) “que se distribuem”(l. 3) os quais seriam distribuídos
- (B) “como os depósitos a vista”(l. 13) como, também, os depósitos a vista
- (C) “possibilitou às instituições financeiras ganhos”(l. 11) permitiu que as instituições financeiras ganhassem
- (D) “Contudo, o desenvolvimento desse imenso complexo”(l. 5 e 6) O desenvolvimento de tal sistema, todavia,
- (E) “o que compensou”(l. 14) compensadas

As conjunções adversativas “contudo” e todavia estabelecem as mesmas relações semânticas entre os períodos e, por isso, não exigem outras alterações no texto.

Gabarrito "D"

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Considere as seguintes afirmações:

- I. Tomando como ponto de partida um comentário de outro jornalista sobre um fato recente da época, o autor dispõe-se a compreender esse fato à luz de uma expressão de Marx - “cidadãos descartáveis” -, que já previa o processo migratório de trabalhadores no século XX.
- II. A expressão “acumulação primitiva” é considerada pelo autor como inteiramente anacrônica, incapaz, portanto, de sugerir qualquer caminho de análise do neoliberalismo contemporâneo.
- III. Acredita o autor que na base do mundo moderno, do ponto de vista econômico, está o fim do feudalismo, está a transformação dos servos feudais em trabalhadores que precisavam vender sua força de trabalho.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

O autor destaca a mudança dos servos feudais para os trabalhadores que precisaram vender sua força de trabalho para não sucumbir à fome, assim como para realizar suas ambições de uma vida melhor.

Gabarito “C”

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) O específico **segredo** a que se refere o autor no título do texto representa-se conceitualmente em vários momentos de sua argumentação, tal como ocorre na seguinte frase:

- (A) Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver.
- (B) O navio tornava-se uma metáfora de toda a África subsaariana: ilha à deriva, mistura de leprosário com campo de extermínio e reserva de mão de obra para migrações desesperadas.
- (C) Para que ganhássemos nosso mundo moderno, foi necessário, por exemplo, que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se.
- (D) Ao que parece, o século XX pediu uma espécie de segunda rodada, um ajuste: a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global.
- (E) Trata-se de alimentar um sonho infinito de perfectibilidade e, portanto, uma insatisfação radical.

A expressão “sonho infinito de perfectibilidade” é representada pelo conceito de “insatisfação radical”, ou seja, não há como saciar o anseio pela perfeição senão desejando por algo mais.

Gabarito “E”

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) A afirmação de que **As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas** tem sua coerência respaldada no desenvolvimento do texto, já que o autor

- (A) descarta a análise de processos históricos, para melhor se apoiar em aspectos da vida privada dos indivíduos típicos da era industrial.

- (B) mostra como as exigências de satisfação pessoal vêm sendo progressivamente atendidas, desde que o homem passou a se identificar com seu status.

(C) analisa o funcionamento da máquina liberal e a considera uma tributária direta do conhecido processo da acumulação primitiva.

- (D) localiza na permanência do sentimento de nossa inadequação um requisito com que vem contando o neoliberalismo.

(E) entende que o neoliberalismo assenta sua base no princípio de que os sonhos dos cidadãos descartáveis devem ser excluídos do pragmatismo produtivista.

O sentimento de inadequação, na verdade, é um dos principais instrumentos do sistema neoliberal para que os trabalhadores continuem em busca de uma felicidade que jamais irão alcançar, como o próprio autor sugere ao denominar essa inadequação como “sonho infinito de perfectibilidade”.

Gabarito “D”

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Quatro ou cinco séculos mais tarde, essa violência não deveria ter acabado?

No contexto em que formula a pergunta acima, o autor, implicitamente, está questionando a tese de que os processos históricos ocorreriam

- (A) como atualização de providências já verificadas no passado.
- (B) numa escala de progressivo aperfeiçoamento social.
- (C) alternando ganhos e perdas na qualidade de vida dos cidadãos.
- (D) de modo a recompensar o esforço das classes dirigentes.
- (E) de modo a tornar cada vez mais nítidas as aspirações de cada classe social.

O autor questiona se essa violência seria um mal necessário para o aperfeiçoamento social, entretanto, como podemos observar no decorrer do texto, essa violência sofreu um “ajuste”, o qual o autor define como “a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global”.

Gabarito “B”

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) No contexto em que ocorre a afirmação de que

- (A) deveremos querer ardentemente ser algo além do que somos, o autor acusa o processo de despersonalização acionado pela máquina neoliberal.

(B) a “acumulação primitiva” do neoliberalismo nos oferece a liberdade de mudar e subir na vida, o autor concede em que há uma vantagem real nesse caminho econômico.

- (C) Provavelmente seria uma catástrofe se pudéssemos (...) acalmar nossa insatisfação, o autor mostra o quanto os neoliberais subestimam a força da nossa subjetividade.

(D) é **melhor** deixar como está, o autor está tomando como **pior** a situação representada por um trem descontrolado, sem condutor.

- (E) esses sonhos perpetuam o sentimento de nossa inadequação, o termo sonhos está representando um caminho alternativo para as práticas neoliberais.

A máquina neoliberal utiliza-se de artifícios para convencer os indivíduos sobre a possibilidade de perfeição, no entanto, ao buscar essa

perfeição – que jamais poderá ser alcançada por estar em constante transformação –, os indivíduos tornam-se vítimas de um processo que irá despersonalizá-los.

„A. Gabarito

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Na frase Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver, o emprego do termo paradoxalmente justifica-se quando se atenta para a relação nuclear que entre si estabelecem, no contexto, os elementos

- (A) massas e livres.
- (B) vender e obrigadas.
- (C) livres e obrigadas.
- (D) viver e vender.
- (E) vender e sobreviver.

O autor pretende demonstrar a situação paradoxal existente entre os trabalhadores (que se julgam livres) e a obrigatoriedade do trabalho para a sobrevivência.

„C. Gabarito

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Para que ganhássemos o mundo moderno, foi necessário que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se.

Conserva-se, numa outra construção correta, o sentido do trecho sublinhado na frase acima, em:

- (A) foi preciso que houvesse a expropriação, à força, do pedacinho de terra que os servos feudais podiam cultivar para seu sustento.
- (B) fez-se necessário que o pedacinho de terra, cultivado para o sustento dos servos feudais, tivesse sido expropriado à força.
- (C) foi preciso que se expropriassem dos servos feudais, à força, do pedacinho de terra que cultivavam para sustentar-se.
- (D) houve a necessidade de se expropriar do pedacinho de terra, à força, que os servos feudais cultivavam para seu sustento.
- (E) houve a necessidade do pedacinho de terra ser expropriado, à força, na qual os servos feudais cultivavam para sustentarem-se.

A frase mantém o sentido do trecho original, pois o encadeamento das ideias ocorre da mesma maneira em ambas as orações.

„A. Gabarito

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social.

Na frase acima, e no contexto do parágrafo que ela integra,

- (A) a ação expressa em *necessita* deve ser atribuída a essa *passagem*.
- (B) a expressão *sejamos arrancados* tem sentido equivalente ao de *nos arranquemos*.
- (C) a expressão *arrancados nem tanto de nosso meios de subsistência, mas de (...)*, tem sentido equivalente a *arrancados, menos do que de nossos meios de subsistência, de (...)*.

(D) o complemento verbal de *necessita* é expresso por *nossa comunidade restrita, familiar e social*.

(E) o sinal de dois pontos pode, sem prejuízo para o sentido, ser substituído por vírgula, seguida da expressão *por conseguinte*.

A expressão equivalente ao período original expressa a mesma ideia: de que somos “arrancados” muito mais de nossa comunidade do que de nossos meios de subsistência.

„C. Gabarito

Leia o texto abaixo para responder às questões a seguir.

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estágio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, *As Coletividades Anormais*, S. Paulo, 1939.)

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Julgue se as proposições 1, 2 e 3 expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

1. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.
 2. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.
 3. Menos por genuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.
- (A) Está correta apenas a proposição 1.
 - (B) Todas as proposições estão incorretas.
 - (C) Estão incorretas as proposições 1 e 3.
 - (D) Todas as proposições estão corretas.
 - (E) Estão corretas as proposições 1 e 2.

A proposição 1 está correta, já que, segundo o autor, o sertanejo não possui a capacidade mental para aceitar a substituição do representante pela abstração que ele encarna.

„C. Gabarito

(Analista – BACEN – 2002 – FCC) Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma ruptura na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

- (A) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, rémulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes,

- (A) Duas das minhas passadas exigia cada uma das dele.
 (B) Exigiam-se duas das minhas passadas cada uma das dele.
 (C) Era exigido, a cada passada dele, duas das minhas.
 (D) Duas passadas minhas exigiam cada uma das dele.
 (E) A cada passada dele exigia-se duas das minhas.

A oração “Cada passada dele exigia duas das minhas” está colocada em ordem indireta preservando seu sentido na alternativa A. O sujeito do verbo exigir é “cada passada dele” e o objeto direto é “duas das minhas”. A inversão do objeto para antes do verbo não altera a flexão, pois o verbo concorda, do mesmo modo, com o sujeito “Cada passada”: “Duas das minhas passadas exigia cada uma das dele.”

Gabarito “A”

(Fiscal de Tributos/Santos-SP – 2005 – FCC) Está clara e correta a redação da seguinte frase:

- (A) O cronista não postula a questão de honra como o que tem algo a haver com a ferocidade da vida, à qual obedece os ditames da nossa natureza e dos nossos instintos.
 (B) O legado de pais a filhos quase sempre constitui objeto de descrença deles próprios, ocorrendo que muitas vezes não se tem certeza diante da validade real dos mesmos.
 (C) Ao mesmo tempo que se refere ao delicado sentido fúnebre do mandamento, o cronista deixa ver que aí contém uma mensagem de quando eles já estiverem mortos.
 (D) À frieza e à indiferença dos filhos, que via de regra abandonam os que os geraram, em vez de honrá-los, respondem os pais com a crueldade dos ensinamentos inúteis.
 (E) Fica evidente no texto, a pouca fé que manifesta o cronista do reconhecimento filial, embora nem todos estes retruquem os pais com a dura resposta do abandono.

A: “O cronista não postula a questão de honra como o que tem algo a ver com a ferocidade da vida, à qual obedece aos ditames da nossa natureza e dos nossos instintos.”; **B:** a redação não está clara. Não se sabe a que se refere o pronome *deles*; pode se referir tanto a *pais* quanto a *filhos*: “O legado de pais a filhos quase sempre constitui [erro na grafia do verbo *constituir*] objeto de descrença deles próprios, ocorrendo que muitas vezes não se tem certeza diante da validade real do mesmo [‘o legado’].”; **C:** “Ao mesmo tempo a que se refere ao delicado sentido fúnebre do mandamento, o cronista deixa ver que aí há uma mensagem de quando eles já estiverem mortos.”; **D:** “À frieza e à indiferença dos filhos, que via de regra abandonam [sujeito subentendido: ‘filhos’] os que os geraram, em vez de honrá-los, respondem [o verbo *responder* é transitivo direto e indireto. Nessa oração o verbo possui como objeto indireto ‘à frieza e à indiferença’. O objeto direto do verbo *responder* é ‘os pais’] os pais com a crueldade dos ensinamentos inúteis.”; **E:** o pronome anafórico *estes* não tinha referente na oração: “Fica evidente no texto, a pouca fé que manifesta o cronista em relação ao reconhecimento filial, embora nem todos retruquem os pais com a dura resposta do abandono.”

Gabarito “D”

(Analista – BACEN – 2005 – FCC) Leia atentamente o texto que segue.

CONSTITUCIONALISMOS PERVERSOS

Na União Europeia, os franceses e os holandeses, recentemente, disseram não a um projeto constitucional mais interessado em constitucionalizar o mercado do que a

democracia. Também os quenianos disseram não a um projeto constitucional que nasceu como um dos mais progressistas da África, mas que nos últimos anos fora totalmente adulterado pelo presidente Kibaki para concentrar em si e no governo central poderes excessivos e pouco susceptíveis de controle democrático. O fato de ambas as tentativas terem falhado é, em si mesmo, animador. Significa que, quando o processo constitucional é usado para virar a soberania do povo contra o povo e o exercício da cidadania contra cidadania, dizer não à Constituição é ato de afirmação democrática. Que isto aconteça tanto na Europa como na África é sinal de que a globalização dos mercados livres terá de conviver cada vez mais com a globalização dos cidadãos livres.

(Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra) [http://agenciartamaior.uol.com.br - 08/12/2005]

Redija uma dissertação, na qual você se posicione em relação às ideias presentes no texto acima, dando relevo às afirmações que nele se encontram sublinhadas.

A dissertação deverá ter uma extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Uma das funções de uma constituição é proteger o cidadão comum contra o poder do Estado e de outros grupos de força, como os das entidades econômicas. Quando um político com vocação para ditador ou grupos com interesses contrariados pelas garantias constitucionais podem suprimir essa proteção, nem todos hesitam em fazê-lo. Quando condições várias não permitem essa saída radical, há ainda o recurso de, por medidas constitucionais, descaracterizar a constituição nesse aspecto: os abusos cobrem-se de uma roupagem legal. O sociólogo comenta dois eventos, em que, segundo sua análise, essa tentativa ocorreu. Ele também comemora o desfecho positivo desses episódios: os cidadãos chamados a votar para efetivar o arbítrio tiveram a percepção necessária para derrotá-lo. Assim, o processo ardiloso da manipulação da opinião revela seu aspecto positivo, em vez da resistência armada que um golpe exigiria, nesse caso basta o discernimento do que de fato vai ao encontro das aspirações democráticas, do que pode se tirar uma conclusão que pode ser a tese da dissertação: a necessidade de cultura política para se saber o que caracteriza uma democracia de fato. Não se pode deixar de comentar que muitos dos grupos de interesse econômico a partir da globalização se tornam internacionais e potencializam seu poder de atuação desafiando direitos individuais e soberanias nacionais.

11. CONCORDÂNCIA VERBAL E CONCORDÂNCIA NOMINAL

(Auditor Fiscal/PB – 2006 – FCC) De acordo com a norma culta, a concordância verbal está correta APENAS na frase:

- (A) O autor disse que existe comissões parlamentares válidas e competentes.
 (B) Haviam perguntas que não foram respondidas durante o interrogatório.
 (C) Em toda a parte do mundo podem haver políticos corruptos.
 (D) É necessário reconhecer que algumas atitudes que fere os princípios éticos precisam serem punidas.
 (E) Já faz cinco sessões que os deputados não votam nenhuma proposta do governo.

A: O verbo concorda com o sujeito: “O autor disse que existem comissões parlamentares válidas e competentes.”; **B:** Não há flexão do verbo

a forte censura napoleônica. (“Se eu soltasse as rédeas da imprensa”, explicava Napoleão ao célebre Fouché, seu chefe de polícia, “não ficaria três meses no poder.”)

(MEYER, Marlyse, **Folhetim**: uma história. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 57)

(BB – Escriturário – 2006 – FCC) *E como na verdade a palavra folhetim designa muitas coisas, e, efetivamente, nasceu na França, há que ir ver o que o termo recobre lá na matriz.*

Substituindo a palavra folhetim, na frase acima, por “as palavras”, estará em conformidade com a norma padrão culta a seguinte redação do segmento sublinhado:

- (A) há que irem ver o que o termo recobre lá na matriz.
 (B) há que ir verem o que o termo recobre lá na matriz.
 (C) hão que ir ver o que os termos recobrem lá na matriz.
 (D) há que irem verem o que os termos recobre lá na matriz.
 (E) há que ir ver o que os termos recobrem lá na matriz.

A locução verbal “há que ir ver” indica a indeterminação do sujeito da oração e, por isso, não se flexiona, sendo mantida na terceira pessoa do singular. A concordância é realizada apenas com o objeto direto, que retoma a expressão “as palavras”. Assim, temos: “(...) há que ir ver o que os termos recobrem lá na matriz).

Gabarito

Leia o Texto.

- A implementação do Sistema de Pagamentos Brasileiro - SPB altera todo o processo de transferência de recursos através do sistema financeiro. O Banco Central deixa de ser responsável pela intermediação das ordens de pagamento, transferindo essa atribuição para um conjunto de câmaras de compensação e liquidação (clearings), que passam a garantir a finalização destas operações. Algumas destas câmaras já existem há anos e são responsáveis pelas operações de liquidação e custódia de ações, ativos e derivativos. No novo cenário, ganham autonomia patrimonial, seguros e novos métodos de gestão de risco.
- 15 O sistema financeiro estará interligado eletronicamente, operando, em alguns casos, em tempo real. As operações precisam estar lastreadas em reservas constituídas pelas instituições financeiras no Banco Central.
- 20 Todas essas transformações acarretam mudanças não só na tecnologia dos bancos, mas também em sua gestão de negócios, seus produtos e seus controles.

(BANCO HOJE, março de 2001, p.54.)

(Analista – BACEN – 2001 – FCC) Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

- (A) A articulação entre os dois primeiros períodos do texto (l. 4) pode ser expressa pela ideia de **já que**.

(B) A forma verbal “transferindo”(l. 6) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, por **e transfere**, eliminando-se a vírgula após “pagamento”(l. 5 e 6).

(C) Na linha 8, “que” equivale a **as quais**.

(D) De acordo com o sentido do texto, a forma verbal “ganham” (l. 12) refere-se a “câmaras” (l. 9).

(E) A coerência e a coesão do texto estariam prejudicadas se a expressão: “Todas essas transformações acarretam...”(l. 20) estivesse no singular.

Se a expressão estivesse no singular Toda essa transformação acarreta expressaria uma ideia generalizadora (apreende todas as transformações anteriores) das transformações citadas no texto.

Gabarito

O segredo da acumulação primitiva neoliberal

Numa coluna publicada na Folha de São Paulo, o jornalista Elio Gaspari evocava o drama recente de um navio de crianças escravas errando ao largo da costa do Benin. Ao ler o texto – que era inspirado –, o navio tornava-se uma metáfora de toda a África subsaariana: ilha à deriva, mistura de leprosário com campo de extermínio e reserva de mão de obra para migrações desesperadas.

Elio Gaspari propunha um termo para designar esse povo móvel e desesperado: “os cidadãos descartáveis”. “Massas de homens e mulheres são arrancados de seus meios de subsistência e jogados no mercado de trabalho como proletários livres, desprotegidos e sem direitos.” São palavras de Marx, quando ele descreve a “acumulação primitiva”, ou seja, o processo que, no século XVI, criou as condições necessárias ao surgimento do capitalismo.

Para que ganhássemos nosso mundo moderno, foi necessário, por exemplo, que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se. Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver.

Quatro ou cinco séculos mais tarde, essa violência não deveria ter acabado? Ao que parece, o século XX pediu uma espécie de segunda rodada, um ajuste: a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global.

Simples continuação ou repetição? Talvez haja uma diferença – pequena, mas substancial – entre as massas do século XVI e os migrantes da globalização: as primeiras foram arrancadas de seus meios de subsistência, os segundos são expropriados de seu lugar pela violência da fome, por exemplo, mas quase sempre eles recebem em troca um devaneio. O protótipo poderia ser o prospecto que, um século atrás, seduzia os emigrantes europeus: sonhos de posse, de bem-estar e de ascensão social.

As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas. A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social, para sermos lançados numa procura infinita de status (e, hipoteticamente, de bem-estar) definido pelo acesso a bens e serviços. Arrancados de nós mesmos, deveremos querer ardentemente ser algo além do que somos.

Depois da liberdade de vender nossa força de trabalho,

- (B) O editorial é um desrespeito à soberania cubana.
 (C) A atenção do Estado cubano para com a saúde popular é exemplo para todos.
 (D) Houve indignação e protestos contra o editorial da revista.
 (E) Cuba tem auxiliado países vítimas de catástrofes.

Para que seja possível a transposição para a voz passiva, o verbo da oração tem que ser transitivo direto.

Gabarrito "E"

(Analista – TRT/4ª – 2006 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase *tudo o que me importou na vida já escrevi*, ela ficará:

- (A) Tudo o que me importou na vida já foi por mim escrito.
 (B) Tudo o que a vida me importou já fora escrito por mim.
 (C) A vida já me importou em tudo o que escrevi.
 (D) Já está escrito na vida tudo o que ela me importou.
 (E) Tudo o que me importou na vida já tenho escrito.

O verbo é transitivo direto: *escrever* está na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito. O sujeito é desinencial: *eu*. Na transposição da voz ativa para a passiva, o sujeito da ativa (*eu*) será o agente da passiva (por mim) e o objeto da ativa ("tudo o que me importou na vida") será o sujeito da passiva: "tudo o que me importou na vida já foi escrito por mim".

Gabarrito "A"

(Analista – TRT/6ª – 2006 – FCC) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

- (A) (...) praticam hábitos saudáveis de vida.
 (B) Penso também nas nadadoras.
 (C) Elas olham para o placar.
 (D) (...) é o tempo que elas amam.
 (E) (...) não conseguiriam abraçar uma delas.

O verbo *pensar* na acepção de "procurar lembrar-se, imaginar" é transitivo indireto e não admite transposição para a voz passiva. É muito importante saber que a transposição para a voz passiva somente é possível quando o verbo da oração é transitivo direto.

Gabarrito "B"

(Analista – TRT/24ª – 2006 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *instituições macabras que os homens – lamentavelmente – criam contra sua própria humanidade*, a forma verbal resultante será

- (A) estão sendo criadas.
 (B) são criadas.
 (C) foram criadas.
 (D) têm criado.
 (E) têm sido criadas.

Reescrevendo a oração na voz ativa, teremos: "Os homens [*sujeito*] criam instituições macabras [*objeto direto no plural*] (criam – lamentavelmente – contra sua própria humanidade)". Na transposição para a voz passiva, o objeto direto torna-se sujeito, e o sujeito da ativa será o agente da passiva: "Instituições macabras são criadas pelos homens".

Gabarrito "B"

(Analista – TRT/3ª – 2005 – FCC) Não é possível alterar a voz da forma verbal da frase:

- (A) A quantidade dos micreiros já constitui, de fato, uma nação, mais do que uma simples tribo.

- (B) No começo da informatização das redações de jornal, houve um divertido mal-entendido.
 (C) Alguns velhos homens de letras olham com preconceito essa tribo.
 (D) A jovem repórter citada no texto tinha abortado uma matéria, e não um filho.
 (E) Recriações semânticas são feitas a partir de termos ou expressões já antigos.

O verbo *haver* no sentido de existir é impessoal, não possui sujeito e não permite a transposição de vozes.

Gabarrito "B"

(Analista – TRT/11ª – 2005 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase

- (A) (...) alternativas diversas das que tipificam a atividade profissional, a forma verbal resultante será são tipificadas.
 (B) (...) a polícia tem praticado entradas forçosas em escritórios de advocacia, a forma verbal resultante será foram praticadas.
 (C) (...) a polícia tem apreendido papéis, a forma verbal resultante será têm sido apreendidos.
 (D) A advocacia exige qualificações específicas, a forma verbal resultante será têm sido exigidas.
 (E) (...) limitarei as anotações cabíveis aos campos da Constituição e da lei vigente, a forma verbal resultante será terei limitado.

Todos os verbos das assertivas (*tipificar, ter praticado, ter apreendido, exigir e limitar*) são transitivos diretos. Desse modo, é possível a transposição para a voz passiva. **A:** "a atividade profissional é tipificada"; **B:** "entradas forçosas têm sido praticadas (...) pela polícia"; **C:** "papéis têm sido apreendidos pela polícia"; **D:** "qualificações específicas são exigidas pela advocacia"; **E:** "as anotações cabíveis serão limitadas aos campos".

Gabarrito "C"

(Analista – TRT/13ª – 2005 – FCC) NÃO é possível a transposição para a voz passiva do segmento sublinhado da frase:

- (A) Aprecio uma reunião em que há o esforço de inventar possíveis de convivência.
 (B) O processo eleitoral parece ser o desmentido da humildade necessária para o exercício da democracia.
 (C) Mitterrand perdeu as eleições por conta de uma declaração infeliz.
 (D) As reuniões de moradores não obteriam êxito caso eles agissem como candidatos numa eleição.
 (E) As promessas mirabolantes e a retórica vazia vêm alimentando o discurso da maioria dos candidatos.

Não é possível a transposição para a voz passiva de oração que apresenta locução predicativa ("parecer ser"). É possível transpor para a voz passiva orações que sejam desenvolvidas por verbo transitivo direto. **A:** "Uma reunião é apreciada (por mim)"; **C:** "As eleições foram perdidas por Mitterrand"; **D:** "Êxito não seria obtido"; **E:** "O discurso vem sendo alimentado".

Gabarrito "B"

(Analista – TRE/MG – 2005 – FCC) Admite transposição para a voz passiva o segmento sublinhado na seguinte frase:

- (A) Esse modo de pensar opõe-se a todas as formas de fundamentalismo.
 (B) (...) por provar que determinada linha de pesquisa estava equivocada.

- (C) Para os que lidam com a ciência, não há nada de excepcional nessa atitude (...)
- (D) (...) se prepara para apresentar as devidas correções diante de um plenário de cientistas.
- (E) (...) a verdade reside congelada num passado remoto.

A: o verbo *opor-se* é transitivo indireto e não admite transposição para a voz passiva; **B:** o verbo *estar* é predicativo e não admite transposição para a voz passiva; **C:** o verbo *lidar* é transitivo indireto e não admite transposição para a voz passiva; **D:** a oração admite transposição para a voz passiva: “para as devidas correções serem apresentadas”; **E:** o verbo *residir* é intransitivo e não admite transposição para a voz passiva.

„C.„ gabarito

(Analista – TRE/RN – 2005 – FCC) NÃO admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento do texto:

- (A) centenas de formigas devorando um lagarto.
- (B) ao assistir a documentários sobre a violência do mundo animal.
- (C) uma espécie de vespa cuja fêmea deposita seus ovos dentro de lagartas.
- (D) Predadores não sentem a menor culpa.
- (E) quando matam as suas presas.

A: “Um lagarto sendo devorado por centenas de formigas”; **B:** o verbo *assistir* nessa oração é transitivo indireto e não admite transposição para a voz passiva; **C:** “Seus ovos dentro de lagartas são depositados por uma espécie de vespa”; **D:** “A menor culpa não é sentida por predadores.”; **E:** “Quando suas presas são mortas”.

„B.„ gabarito

(Analista – TRE/BA – 2003 – FCC) A única frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

- (A) Podemos repetir uma experiência científica inúmeras vezes.
- (B) Os bons cientistas consideram o caminho traçado por seus antecessores.
- (C) Os melhores charlatões não resistem a um inquérito verdadeiramente científico.
- (D) Qualquer um de nós deseja compreender nosso vasto e misterioso Universo.
- (E) Que bom se conhecêssemos todas as forças responsáveis pela nossa existência...

A única frase que não admite a transposição para a voz passiva é a que tem o verbo transitivo indireto (“resistir a”).

„C.„ gabarito

E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica.

(BB – Escriturário – 2006 – FCC) Considerado o contexto, é correto afirmar que, no fragmento,

- (A) a expressão *do jornal* (*espaço geográfico do jornal*) pode ser substituída por “jornalístico”, sem prejuízo do sentido original.
- (B) trocando *obrigava* por “impunha”, o novo segmento “pela modorra cinza a que impunha a forte censura” continuaria adequado à norma padrão escrita.

(C) a expressão *pela modorra cinza* exerce a mesma função sintática exercida pelo segmento assinalado em “Corriam pela estrada solitária”.

(D) a expressão *a forte censura napoleônica* constitui o objeto direto do verbo *obrigava*.

(E) a forma verbal *obrigava* denota que o fato ocorrido no passado era habitual.

A: incorreta. O adjetivo “jornalístico” refere-se ao jornalismo como atividade (o ato de publicar notícias e fatos), não ao jornal como meio de publicação; **B:** incorreta. O verbo “impor” é transitivo direto, de forma que a permanência da preposição “a” antes de “que” torna-se incorreta; **C:** incorreta. No texto, “pela modorra cinza” exerce função sintática de agente da passiva, ao passo que a oração traz, no termo sublinhado, um adjunto adverbial de lugar; **D:** incorreta. “A forte censura napoleônica” é sujeito do verbo “obrigava”; **E:** correta, por ser justamente a ideia transmitida pelo pretérito imperfeito do indicativo.

„E.„ gabarito

O segredo da acumulação primitiva neoliberal

Numa coluna publicada na Folha de São Paulo, o jornalista Elio Gaspari evocava o drama recente de um navio de crianças escravas errando ao largo da costa do Benin. Ao ler o texto – que era inspirado –, o navio tornava-se uma metáfora de toda a África subsaariana: ilha à deriva, mistura de leprosário com campo de extermínio e reserva de mão de obra para migrações desesperadas.

Elio Gaspari propunha um termo para designar esse povo móvel e desesperado: “os cidadãos descartáveis”. “Massas de homens e mulheres são arrancados de seus meios de subsistência e jogados no mercado de trabalho como proletários livres, desprotegidos e sem direitos.” São palavras de Marx, quando ele descreve a “acumulação primitiva”, ou seja, o processo que, no século XVI, criou as condições necessárias ao surgimento do capitalismo.

Para que ganhássemos nosso mundo moderno, foi necessário, por exemplo, que os servos feudais fossem, à força, expropriados do pedacinho de terra que podiam cultivar para sustentar-se. Massas inteiras se encontraram, assim, paradoxalmente livres da servidão, mas obrigadas a vender seu trabalho para sobreviver.

Quatro ou cinco séculos mais tarde, essa violência não deveria ter acabado? Ao que parece, o século XX pediu uma espécie de segunda rodada, um ajuste: a criação de sujeitos descartáveis globais para um capitalismo enfim global.

Simples continuação ou repetição? Talvez haja uma diferença – pequena, mas substancial – entre as massas do século XVI e os migrantes da globalização: as primeiras foram arrancadas de seus meios de subsistência, os segundos são expropriados de seu lugar pela violência da fome, por exemplo, mas quase sempre eles recebem em troca um devaneio. O protótipo poderia ser o prospecto que, um século atrás, seduzia os emigrantes europeus: sonhos de posse, de bem-estar e de ascensão social.

As condições para que o capitalismo invente sua versão neoliberal são subjetivas. A expropriação que torna essa passagem possível é psicológica: necessita que sejamos arrancados nem tanto de nossos meios de subsistência, mas de nossa comunidade restrita, familiar e social, para sermos lançados numa procura infinita de status (e, hipoteticamente, de felicidade).

que todos os indivíduos vivam e convivam sob os mesmos princípios éticos acordados, a quebra desse acordo é a negação mesma desse ideal da humanidade.

(CEF – Técnico Bancário – 2000 – FCC) Transpondo para a voz passiva a frase “Estão abrindo suas portas aos visitantes”, a forma verbal resultante será

- (A) serão abertas
- (B) são abertas
- (C) têm sido abertas
- (D) têm aberto
- (E) estão sendo abertas

A transposição correta para a voz passiva fica: “Suas portas aos visitantes estão sendo abertas”.

Gabarito: E

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) Considere a seguinte frase: A busca de distinção entre o que é “do bem” e o que é “do mal” traz consigo um dilema (...). O verbo **trazer** deverá flexionar-se numa forma do plural caso se substitua o elemento sublinhado por

- (A) O fato de quase todas as pessoas oscilarem entre o bem e o mal (...).
- (B) A dificuldade de eles distinguirem entre as boas e as más ações (...).
- (C) Muitas pessoas sabem que tal alternativa, nas diferentes situações, (...).
- (D) Essa divisão entre o bem e o mal, à medida que se acentua nos indivíduos, (...).
- (E) As oscilações que todo indivíduo experimenta entre o bem e o mal (...).

A: o sujeito é singular e tem como núcleo a palavra “fato”; **B:** o sujeito é singular e tem como núcleo a palavra “dificuldade”; **C:** o sujeito é singular e tem como núcleo a palavra “alternativa”; **D:** o sujeito é singular e tem como núcleo a palavra “divisão”; **E:** o sujeito é plural e tem como núcleo a palavra “oscilações”.

Gabarito: B

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) A escolha do critério de julgamento é sempre crítica e sofrida, quando responsável; dispensando-se, porém, a responsabilidade dessa escolha, restará a terrível fatalidade dos dogmas. Mantém-se o sentido e a correção da frase caso se substitua

- (A) dispensando-se, porém por se dispensarem-se, ade-mais.
- (B) dispensando-se, porém por uma vez dispensado, no entanto.
- (C) quando responsável por desde que responsável.
- (D) quando responsável por posto que responsável.
- (E) quando responsável por conquanto seja responsável.

A conjunção adverbial quando pode ser substituída por outra de igual valor: “A escolha do critério de julgamento é sempre crítica e sofrida, desde que responsável”.

Gabarito: C

(Agente Fiscal de Rendas/SP – 2006 – FCC) Na transposição de uma voz verbal para outra, ocorre uma impropriedade no seguinte caso:

- (A) a necessidade que temos de estabelecer algum juízo

de valor = a necessidade que temos de que houvesse sido estabelecido algum juízo de valor.

- (B) *passa a classificar países inteiros* = países inteiros passam a ser classificados.
- (C) *segundo o critério da religião que este professa* = segundo o critério da religião que por este é professada.
- (D) *que constituiriam o “eixo do bem”* = o “eixo do bem” que seria constituído.
- (E) *comprometemos de vez a dinâmica* = a dinâmica é por nós de vez comprometida.

Na transposição da voz ativa para passiva, o objeto direto da ativa será o sujeito da passiva e o sujeito da ativa será o agente da passiva. Somente na assertiva A isso não foi respeitado. A oração na voz ativa: “a necessidade que temos de estabelecer algum juízo de valor” fica na passiva: “a necessidade de estabelecer algum juízo de valor é tida (por nós)”.

Gabarito: A

Ou isto ou aquilo

Uma pesquisa da revista norte-americana *The Economist*, promovida para saber se os latino-americanos continuam acreditando na democracia, incluiu a seguinte pergunta: “Em determinadas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um governo democrático?” Seria lógico pensar assim: os sujeitos que não acreditam mais nas virtudes exclusivas da democracia devem ser tentados por uma intervenção autoritária. Ou seja, quem não acredita mais na democracia sonha com a volta de um regime militar. Faz sentido.

Pois é, os brasileiros deram uma resposta para atrapalhar o sono dos pesquisadores. Entre 1996 e hoje, 13% deixaram de acreditar na democracia como melhor sistema de governo. Ora, o número dos que aceitariam uma ditadura no lugar da democracia não aumentou de modo correspondente, mas – surpresa – diminuiu 9%. Ou seja, no Brasil há menos gente para acreditar na democracia, mas também menos gente para esperar que os militares resolvam a situação.

Aplausos para os brasileiros, que não se deixaram capturar por uma alternativa forçada. Entendo assim a posição dos entrevistados: a democracia não respondeu a nossas esperanças básicas, mas nem por isso entregariamos o país ao despotismo. Sobretudo, não aceitamos uma alternativa excludente do tipo: “De um lado, há stalinistas, fascistas ou militares e, do outro, a democracia. Olhe, escolha e pule pra frente.” Os brasileiros pareceram responder: não pulo coisa nenhuma, a escolha não é essa.”

Minha leitura (otimista) do resultado dessa pesquisa do *Economist* é a seguinte: estamos cansados de ver o mundo em preto-e-branco, com contraste máximo.

(Adaptado de Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*. S. Paulo: Publifolha, 2004, pp. 240-241.)

(Auditor Tributário/Jaboatão dos Guararapes-PE – 2006 – FCC) A correta transposição da voz ativa para a passiva conserva a equivalência de sentido entre as seguintes construções:

- (A) os brasileiros deram uma resposta / uma resposta tem sido dada pelos brasileiros
- (B) nem por isso entregariamos o país ao despotismo / nem por isso o país seria entregue por nós ao despotismo

A: por quê?; **B:** por que (preposição e pronome relativo); **C:** o porquê (substantivo); **D:** porque (conjunção explicativa); **E:** porque (conjunção explicativa).

„B.“ Gabarito

Ou isto ou aquilo

Uma pesquisa da revista norte-americana *The Economist*, promovida para saber se os latino-americanos continuam acreditando na democracia, incluiu a seguinte pergunta: “Em determinadas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um governo democrático?” Seria lógico pensar assim: os sujeitos que não acreditam mais nas virtudes exclusivas da democracia devem ser tentados por uma intervenção autoritária. Ou seja, quem não acredita mais na democracia sonha com a volta de um regime militar. Faz sentido.

Pois é, os brasileiros deram uma resposta para atrapalhar o sono dos pesquisadores. Entre 1996 e hoje, 13% deixaram de acreditar na democracia como melhor sistema de governo. Ora, o número dos que aceitariam uma ditadura no lugar da democracia não aumentou de modo correspondente, mas – surpresa – diminuiu 9%. Ou seja, no Brasil há menos gente para acreditar na democracia, mas também menos gente para esperar que os militares resolvam a situação.

Aplausos para os brasileiros, que não se deixaram capturar por uma alternativa forçada. Entendo assim a posição dos entrevistados: a democracia não respondeu a nossas esperanças básicas, mas nem por isso entregaríamos o país ao despotismo. Sobretudo, não aceitamos uma alternativa excludente do tipo: “De um lado, há stalinistas, fascistas ou militares e, do outro, a democracia. Olhe, escolha e pule pra frente.” Os brasileiros pareceram responder: não pulo coisa nenhuma, a escolha não é essa.” Minha leitura (otimista) do resultado dessa pesquisa do *Economist* é a seguinte: estamos cansados de ver o mundo em preto-e-branco, com contraste máximo.

(Adaptado de Contardo Calligaris, **Terra de ninguém**. S. Paulo: Publifolha, 2004, pp. 240-241.)

(Auditor Tributário/Jaboatão dos Guararapes-PE – 2006 – FCC) Atentando-se para o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas, está inteiramente correta a redação da frase:

- (A) Os termos de que se compõe a alternativa apresentada induzem o pesquisado a uma determinada e previsível resposta.
- (B) Do que os pesquisadores não contavam foi a maneira por que os brasileiros responderam à alternativa.
- (C) A democracia, cujos méritos ninguém duvida, tem também alguns defeitos, aos quais muitas pessoas se mostram intolerantes.
- (D) Os tiranos e os déspotas, em cujo arbítrio derivam tantas atrocidades, costumam caluniar a democracia, regime que a nada os favorece.
- (E) Dado o caráter excludente da alternativa com a qual nos impuseram os pesquisadores, supunha-se de que caíssemos em sua armadilha.

A: “Os termos de que se compõe [o verbo **compôr** no sentido de constituir-se exige a preposição **de**] a alternativa apresentada induzem [verbo transitivo direto e indireto. O sujeito desse verbo é plural: “Os termos”] o pesquisado a uma determinada e previsível resposta [o objeto indireto é: ‘a uma determinada e previsível resposta’]; **B:** “Com o que [o verbo regente **contar** exige preposição **com**] os pesquisadores não contavam foi a maneira por que [uso correto. preposição **por** e pronome relativo **que**] os brasileiros responderam à alternativa; **C:** “A democracia, de cujos méritos ninguém duvida [o verbo regente **duvidar** exige preposição de: ‘**de** cujos métodos’], tem também alguns defeitos, aos quais [uso correto. A palavra regente intolerante exige preposição **a**] muitas pessoas se mostram intolerantes.”; **D:** “Os tiranos e os déspotas, em cujo arbítrio derivam tantas atrocidades, costumam caluniar a democracia, regime que em nada os favorece [o verbo regente **favorecer** exige preposição **em**].”; **E:** “Dado o caráter excludente da alternativa com a qual nos impuseram os pesquisadores, supunha-se [verbo transitivo direto] que caíssemos em sua armadilha.”

„A.“ Gabarito